

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

**SOB A LENTE DE CARLOS FONSECA: O RESGATE DO SANDINISMO  
E A FORMAÇÃO POLÍTICA DAS CLASSES TRABALHADORAS  
DA NICARÁGUA (1955-1976)**

BIANCA DA COSTA BASTOS

Niterói

2022

BIANCA DA COSTA BASTOS

**SOB A LENTE DE CARLOS FONSECA: O RESGATE DO SANDINISMO  
E A FORMAÇÃO POLÍTICA DAS CLASSES TRABALHADORAS  
DA NICARÁGUA (1955-1976)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História Social, da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação do Prof.º Dr.º Bernardo Kocher.

Niterói

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B327s Bastos, Bianca da Costa  
Sob a lente de Carlos Fonseca : O resgate do Sandinismo e a  
formação política das classes trabalhadoras da Nicarágua  
(1955-1976) / Bianca da Costa Bastos ; Bernardo Kocher,  
orientador. Niterói, 2022.  
121 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2022.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2022.m.13540275746>

1. Nicarágua. 2. Carlos Fonseca. 3. Frente Sandinista de  
Libertação Nacional. 4. Classes trabalhadoras. 5. Produção  
intelectual. I. Kocher, Bernardo, orientador. II. Universidade  
Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

BIANCA DA COSTA BASTOS

**SOB A LENTE DE CARLOS FONSECA: O RESGATE DO SANDINISMO  
E A FORMAÇÃO POLÍTICA DAS CLASSES TRABALHADORAS  
DA NICARÁGUA (1955-1976)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História Social, da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação do Prof.º Dr.º Bernardo Kocher.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Bernardo Kocher – UFF  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Diego Martins Dória Paulo – UFRJ

---

Prof. Dr. Norberto Ferreras – UFF

Niterói

2022

Aos meus pais e irmãos, que me permitiram chegar até aqui.

Ao meu avô José Marques da Costa. (*in memoriam*)

Aos lutadores e lutadoras do povo.

*“Somos os descendentes de Sandino, os que eram muito pequenos ou não haviam nascido quando o assassinaram vilmente. Agora crescemos e somos homens. Lutemos como ele lutou, sinceramente, sem poupar sacrifícios, para que seu sonho de uma Pátria Livre e um povo feliz se faça realidade.”*

*(Carlos Fonseca, 1960, p. 38)*

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar, através das visões políticas do nicaraguense Carlos Fonseca, a reconstrução da memória nacional e a necessidade de formação política dos trabalhadores e trabalhadoras durante o desenrolar da construção da Revolução Popular Sandinista. Carlos Fonseca foi um dos fundadores e principal intelectual da Frente Sandinista de Libertação Nacional, atuando como líder, teórico e militante prático em defesa dos direitos das classes oprimidas e exploradas pelo imperialismo estadunidense e seus colaboradores dentro da Nicarágua. Fonseca reforçava repetidamente a necessidade de conexão que os nicaraguenses deveriam estabelecer com os exemplos do passado na luta pelo estabelecimento da soberania nacional, principalmente através da figura de Augusto Cesar Sandino, seu principal exemplo e inspiração. Ele também reafirmava a importância da luta dos povos oprimidos contra a ingerência estrangeira, principalmente através da abordagem violenta dos Estados Unidos, em assuntos locais. Para isso, falava sobre a relevância da solidariedade internacional dos povos oprimidos e a importância de fortalecer a consciência de classe dentro de seu próprio país para que se travasse uma luta consequente e objetiva. Carlos Fonseca não se defendia um aventureirismo desorganizado da guerrilha nas montanhas ou da luta armada nas cidades. Ele acreditava de forma contundente na necessidade de se formar politicamente os trabalhadores e trabalhadoras do país, juntamente com os estudantes e todos que integravam as camadas exploradas, para que fosse entendida a agudização da luta de classes e a importância de se colocar contra os que ele chamava de inimigos do povo. Para isso, utilizamos neste trabalho fontes primárias fundamentais escritas por Fonseca de análise histórica, balanço contextual, programas políticos e também mensagens de autocritica durante seu caminhar político e militante. Por isso destacamos uma de suas principais obras, a coleção *Viva Sandino* em que Fonseca

descreve todo seu esforço de resgate de memória desde a década de 1930 até os seus dias, mais especificamente os anos 1950-70, para traçar um caminho de luta a ser guiado pela Frente Sandinista. Ao final, veremos que os apontamentos de Carlos Fonseca se tornaram fundamentais e decisivos não somente para as vitórias parciais que tiveram os sandinistas ao longo da jornada militante, mas para o triunfo do processo revolucionário, três anos após a sua morte.

**Palavras-chave:** Carlos Fonseca; Nicarágua; Frente Sandinista de Libertação Nacional

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze, through the political views of nicaraguan Carlos Fonseca, the reconstruction of the national memory and the need for political formation of workers during the construction of the Sandinista People's Revolution. Carlos Fonseca was one of the founders and principal intellectual of the Sandinista National Liberation Front, acting as a leader, theoretician and practical militant in defense of the rights of the oppressed classes and exploited by US imperialism and its collaborators within Nicaragua. Fonseca repeatedly stressed the need for connection that Nicaraguans should establish with past examples in the struggle for the establishment of national sovereignty, mainly through the figure of Augusto Cesar Sandino, his main example and inspiration. He also reaffirmed the importance of the struggle of oppressed peoples against foreign interference, mainly through the violent approach of the United States, in local affairs. To this end, he spoke about the relevance of the international solidarity of oppressed peoples and the importance of strengthening class consciousness within their own country in order to wage a consistent and objective struggle. Carlos Fonseca did not defend a disorganized adventurism of guerrillas in the mountains or armed struggle in the cities. He strongly believed in the need to train the country's workers politically, along with the students and all who were part of the exploited layers, to understand the sharpening of the class struggle and the importance of standing against what he called the enemies of the people. For this, we use in this work fundamental primary sources written by Fonseca of historical analysis, contextual balance, political programs and also self-critical messages during his political and militant walk. That is why we highlight one of his main works, the collection *Viva Sandino* in which Fonseca describes all his efforts to rescue memory from the 1930s to his days, more specifically the 1950s-1970s, to trace a path of struggle to be guided by the Sandinista Front. In the end, we will see that the notes of Carlos Fonseca became

fundamental and decisive not only for the partial victories that the Sandinists had throughout the militant journey, but for the triumph of the revolutionary process, three years after his death.

**Key-words:** Carlos Fonseca; Nicaragua; Sandinista National Liberation Front

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ADU - Ação Democrática Unitária

EDSN - Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua

EUA - Estados Unidos da América

FER - Frente Estudantil Revolucionária

FSLN - Frente Sandinista de Libertação Nacional

GN - Guarda Nacional

JDN - Juventude Democrática Nicaraguense

JPN - Juventude Patriótica Nicaraguense

JRN - Juventude Revolucionária Nicaraguense

MNN - Movimento Nova Nicarágua

MR - Mobilização Republicana

PAIGC - Partido Africano de Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde

PC - Partido Conservador

PL - Partido Liberal

PLI - Partido Liberal Independente

PMR - Partido Mobilização Republicana

PRN - Partido de Renovação Nacional

PSCN - Partido Social Cristão Nicaraguense

PSN - Partido Socialista Nicaraguense

TGPP - Tendência da Guerra Popular Prolongada

TP - Tendência Proletária

TI - Tendência Insurrecional

UNAP - União Nacional de Ação Popular

UNO - União Nacional Opositora

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## AGRADECIMENTOS

Longos e cheios de obstáculos foram os caminhos que trilhei até chegar aqui. Passar por uma pós-graduação no meio de uma pandemia mundial, com todas as particularidades políticas que o Brasil enfrentou nesse período não foi fácil. Todos nós, pesquisadores e pesquisadoras, sabemos que nosso trabalho é solitário. Mas felizmente, fui cercada de pessoas que me fizeram esquecer desses pesares por alguns instantes e poder construir esta dissertação.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Julio Bastos e Valeria Bellas. Vocês são o principal motivo pelo qual eu não me deixo desanimar. Obrigada por todo incentivo, apoio material e emocional que me proporcionaram a estar aqui. Aos meus irmãos, Fabiano e André, por comemorarem minhas conquistas e me lembrarem do quanto tem orgulho de mim. À minha cunhada Isis, por sempre me dar força e incentivo para não recuar. Agradeço ao meu primo Fellipe, por ser um dos maiores admiradores que eu tenho. Obrigada por confiar no meu trabalho, em quem eu sou e em sempre desejar me ver crescer. Vocês são a minha vida. Obrigada por me fazerem ser da forma que eu sou, foi isso que me permitiu alcançar meus objetivos.

Agradeço à Lisia Cariello, por ter sido colega, amiga, parceira, crítica e maior apoiadora durante esses dois anos que correram e atropelaram. Não sei o que seria desse período sem você, para dividir as angústias da vida acadêmica e também fortalecer essa amizade em momentos que nos obrigamos a relaxar. Você é incrível e não cabe em palavras. Agradeço ao Diego Martins, por ter me incentivado, ainda na graduação, a não desistir de trilhar um caminho que sempre almejei. Obrigada por me permitir faltar uma aula sua para conhecer o mundo da pós-graduação e me apoiar, me dar dicas e também ser grande incentivador nessa jornada.

Agradeço ao meu orientador, Bernardo Kocher, por ter aceitado trilhar esse caminho difícil comigo, num tema não muito comum, em que fomos descobrindo juntos as maravilhas e dificuldades desta pesquisa. Pelo apoio em todas as questões e prontidão em sempre me ajudar. Agradeço ao professor Norberto Ferreras, por ter aceitado ler e argumentar sobre meu trabalho, dando valiosas dicas na qualificação e me fazendo retomar uma empolgação que por um instante estava adormecida. Vocês foram o ímpeto que me permitiu não cair e continuar caminhando.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento ao desenvolvimento deste projeto.

Agradeço às minhas irmãs de outras mães, Bárbara e Clarisse, meu coração fora do corpo, minhas companheiras há 20 anos, que não me deixaram pensar em desistir nem por um segundo sequer. Obrigada por comemorarem os passos que dei como se fossem os seus. Obrigada por acolherem meus choros e dividirem as risadas. Não existe um dia da minha vida que eu não agradeça por ter vocês, minhas fortalezas. Estaremos sempre juntas para o que der e vier. Agradeço também à Jessica e Mariana, duas das mulheres mais fortes que eu tive o prazer de conhecer. Vocês são meu exemplo de perseverança e determinação. À tia Nazaré, por me dar aconchego em dias tenebrosos e fazer tudo ficar melhor. Amo vocês com todo meu coração.

Agradeço também ao Kauê Barreto, companheiro e parceiro de longa data, grande incentivador dos meus estudos e sonhos, e que por vários momentos confiou em mim mais do que eu mesma. Não me permitiu abaixar a cabeça e duvidar da minha capacidade de poder ser o que eu sou hoje e ainda ir além. Obrigada pela confiança durante todo tempo, cada conquista é dividida. Minha admiração e agradecimento por você são eternos.

Um agradecimento especial ao Felipe Deveza, grande colega de profissão que dedicou diversas vezes seu tempo para me ajudar, aconselhar e incentivar. Obrigada por me fazer retomar a confiança na minha pesquisa quando tudo parecia embaçado. Agradeço também imensamente à Lilian, Maria Clara, Guilherme, Gustavo e Fernando, vocês são exemplos para mim. Obrigada por segurarem a minha mão, por confiarem no meu potencial, por serem mais do que amigos incríveis. O acolhimento e carinho de vocês se transforma em força para mim. Amo vocês imensamente. Por fim, agradeço a todos os lutadores e lutadoras do povo, que incessantemente batalham por uma vida digna, justa e sem as amarras de qualquer exploração.

# Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>18</b>
<b>2. Capítulo I – “Pátria libre o morir”: o início da luta de libertação nacional .....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 O contexto da Nicarágua.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Diálogos internacionais: Nicarágua e as revoluções pelo mundo .....</b>	<b>38</b>
<b>2.3 A ingerência imperialista dos Estados Unidos na América Latina: o processo de acumulação e expropriações .....</b>	<b>44</b>
<b>3. Capítulo II – Carlos Fonseca: o desenvolvimento de um intelectual dirigente ...</b>	<b>56</b>
<b>3.1 Juventude e primeiros contatos com movimentos políticos .....</b>	<b>56</b>
<b>3.2 O amadurecimento intelectual e suas percepções .....</b>	<b>59</b>
<b>3.3 A formação e desenvolvimento político da Frente Sandinista de Libertação Nacional .....</b>	<b>65</b>
<b>3.4 A disputa pela hegemonia dos projetos políticos .....</b>	<b>69</b>
<b>3.5 Nicarágua, base de agressão ianque.....</b>	<b>74</b>
<b>3.6 Os trabalhadores nas relações sociais de produção .....</b>	<b>76</b>
<b>4. Capítulo III – Da organização nascerá a Revolução: o papel fundamental das classes oprimidas.....</b>	<b>81</b>
<b>4.1 As diferentes percepções sobre a importância das classes trabalhadoras .....</b>	<b>81</b>
<b>4.2 Os efeitos do imperialismo .....</b>	<b>85</b>
<b>4.3 A participação dos trabalhadores do campo e da cidade.....</b>	<b>87</b>
<b>4.4 O movimento estudantil revolucionário .....</b>	<b>98</b>
<b>5. Conclusão .....</b>	<b>104</b>
<b>6. Anexos.....</b>	<b>114</b>
<b>6.1 Anexo 1 .....</b>	<b>114</b>
<b>6.2 Anexo 2 .....</b>	<b>115</b>
<b>7. Referências Bibliográficas .....</b>	<b>116</b>

## 1. Introdução

Para começar esta introdução, faço o esclarecimento de uma escolha de escrita. Ao longo de toda esta dissertação optei por me expressar utilizando o “nós”, pelo simples fato de acreditar que toda pesquisa é resultado de uma construção coletiva, intensa e árdua. Ela se apresenta nos trabalhos, nos artigos, nos trabalhos de conclusão de curso, obtenção de títulos, mas também se expressa em debates, palestras, mesas, congressos, salas de aula e de inúmeras outras formas. Porém, neste primeiro momento, assumirei o papel de falar em primeira pessoa do singular.

Nenhum conteúdo desta dissertação surgiu por acaso. Quando decidi que cursaria a faculdade de História já comecei a sentir o peso da responsabilidade que todos nós, professores/historiadores carregamos. Não obtive muito apoio em primeiro momento, ainda enfrentamos constante desvalorização da nossa profissão e das nossas pesquisas. Mas fiquei firme e mantive minha decisão. Escolhi a História porque os processos me intrigam e viver sem conhecê-los é negar constantemente o movimento e dinamismo de nossa própria realidade. A História nos permite abrir os olhos para aquilo que muitos não desejam ou não querem enxergar. E principalmente, nos guia – ao contrário do que muitos pensam – para a construção de novas possibilidades. A História não nos prende ao passado, ela nos adequa à realidade, ao concreto, ao palpável e ao potencial de transformação.

Quando ingressei no curso de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) me bateu a grande dúvida misturada com euforia e uma pitada de medo de como escolher e qual caminho eu traçaria na minha vida acadêmica. Passei por alguns campos de estudos até chegar aqui. Flertei com a História Moderna, vaguei por alguns momentos de Teoria da História, mas nenhum deles me gerou tanta vontade e entusiasmo

quanto a História da América Latina. Contemporânea, para ser ainda mais específica. Então havia se estabelecido a próxima dúvida: o que eu vou estudar? Existem tantas ramificações, tantas variedades e pluralidades. Bom, a primeira coisa que para minha construção acadêmica foi primordial era assentar a minha base científica de análise. Não me permitiria estruturar qualquer pesquisa em que não pudesse aplicar diretamente minha lente do materialismo histórico-dialético. Além de ter certeza de que queria inserir as classes trabalhadoras em minhas pesquisas. A partir desta convicção, iniciaram as minhas buscas pelo meu tema. E em um dia sem pretensão alguma, eu descobri a Nicarágua.

Em um sebo de livros, me deparei com um livro chamado “A Revolução Social (Lênin e a América Latina)” da autora Martha Harnecker, pela qual ainda disponho certas divergências de análise e metodológicas. Comprei num certo impulso pensando no fundo que seria um livro que permaneceria apenas na estante. Parei em algum momento de um dia posterior para folhear o livro e eis que me deparo com “Revolução na Nicarágua”. Imediatamente fiquei intrigada para entender o que era a Frente Sandinista de Libertação Nacional, nome que tanto se repetia naquelas páginas. Decidi desbravar a internet e fontes atrás de maiores esclarecimentos. O resultado – mas que ainda é uma ponta de lança, pois a dissertação na realidade não é um fim e sim o princípio – está neste trabalho.

Durante toda construção da minha monografia, ainda na graduação, me dediquei a estudar a Revolução Popular Sandinista, iniciada em 19 de julho de 1979. Estudei, dentro de todos os limites que a graduação nos impõe, a organização Sandinista como um todo, suas contradições, seus erros e acertos e seu principal caminho até o triunfo revolucionário. Até que durante essas leituras um determinado personagem me chamou forte atenção: Carlos Fonseca. Seu nome também se repetia nos livros, artigos e revistas que eu lia. Quem era ele? No que acreditava? Como ele contribuiu para a construção de todo processo de libertação nacional? De fato era uma figura tão importante? E foi a partir

destes questionamentos ainda embrionários que decidi que seguiria a jornada acadêmica no mestrado me dedicando a estudar a construção de seu pensamento político e a inserção das classes trabalhadoras nesse desenvolvimento. Com isso em mente, passei a buscar trabalhos, artigos ou livros que pudessem falar sobre o tema, para verificar se eu realmente teria condições materiais de seguir com os estudos e também para não me tornar repetitiva caso tivesse algum trabalho muito semelhante, apesar de acreditar que na História nenhum assunto está esgotado.

Em 2019 decidi fazer o processo seletivo para o mestrado da Universidade Federal Fluminense (UFF), para seguir com meu projeto na área de História Contemporânea. Porém, a grande expectativa de iniciar os estudos na pós-graduação foi atravessada, para não dizer atropelada, pela conjuntura da pandemia da Covid-19 que iniciou no Brasil em fevereiro/março de 2020, justamente quando as aulas começariam. Numa forte intenção de precarização da educação pública por parte dos governos municipal, estadual e federal, grande parte da massa escolar/universitária seguiu com seus calendários de forma online, com a implantação caótica do EaD (Ensino à Distância) <sup>1</sup>. Modelo este que escancara toda desigualdade que enfrentamos pela dificuldade que diversos alunos tiveram ao acesso das aulas <sup>2</sup>. E que também serviu para alimentar o discurso medíocre da meritocracia de que quem se esforça ou tem vontade, consegue estudar diante das dificuldades mais cruéis e alcança seus objetivos.

Isso é apenas um parecer sobre a questão de acesso às aulas. Existem ainda mais pontos que se misturam com essa realidade. Vivemos atualmente sob um governo militar com tendências fascistas, que zomba da situação miserável em que o povo se encontra,

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.segs.com.br/educacao/285964-ibge-diz-que-a-falta-de-acesso-a-internet-e-desigualdade-entre-alunos-da-rede-publica-e-privada-aumenta-na-pandemia-aponta-estudo> . Acesso em 16 de jul. de 2021

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56909255> . Acesso em 16 de jul. de 2021

que ostenta um churrasco com carnes compradas por mais de R\$ 1.000,00 enquanto a população passa fome <sup>3</sup>, que exalta e incentiva o tratamento precoce e consumo da cloroquina, método e remédio estes sem qualquer comprovação científica no combate à pandemia, e que fez de tudo para boicotar a principal solução para a crise sanitária que enfrentamos: a vacina <sup>4</sup>.

Os cientistas brasileiros e os profissionais de saúde carregaram e carregam o peso de mais de um ano de pandemia, trabalhando arduamente para salvar vidas seja nos hospitais, emergências e UTI's, seja no desenvolvimento das vacinas, enquanto o atual presidente Jair Bolsonaro imita pessoas que ficam sem ar, sintoma grave decorrente da contaminação por Covid-19. Todo esse contexto esbarra e afeta diretamente a produção de qualquer pesquisa. No país que sustenta até o presente momento mais de 500 mil vidas perdidas pela necropolítica bolsonarista, manter minimamente um rastro de saúde mental tem se tornado um desafio gigantesco. O próprio luto, que em tese é um momento coletivo, de compartilhamento de dores, saudades, abraços e apoios, tem se tornado cada vez mais solitário. Meu ponto ao expor todas essas questões é deixar claro tudo que envolve fazer pesquisa nessas condições.

Esses pontos citados são apenas um mínimo fragmento da realidade que estamos. E foi nessa conjuntura que segui meu caminho no mestrado e desenvolvimento da pesquisa da melhor maneira que pude. Diante de todos esses percalços, entendi que o mestrado é uma jornada árdua. E no final pode ser que você, assim como eu, ache que dois anos na verdade não dão conta de quase nada. Mas isso aqui não é um relato desanimador. É a exposição de uma realidade que me ensinou muita coisa. Quando lemos

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/noticias/15738-enquanto-o-povo-passa-fome-bolsonaro-e-generais-aumentam-seus-super-salarios> Acesso em 16 de jul. 2021

<sup>4</sup> Disponível em: <https://anovademocracia.com.br/no-238/15151-subjugacao-nacional-impede-que-tenhamos-vacina-contracovid-19-vacina-para-o-povo-ja> . Acesso em 16 de jul. 2021

um trabalho, seja um artigo, uma página, uma contracapa, uma dissertação ou uma tese podemos ter a ideia equivocada de que foi simples elaborar aquele material. Geralmente não vem a nossa mente toda dedicação, noites mal dormidas, indignações, conversas, ideias que o/a autor/a escreve no guardanapo ou bloco de notas do celular porque veio uma luz enquanto a pessoa caminhava na rua, enfim, todos os fatores que compõem o resultado final. Mas hoje eu entendo que certas experiências são realmente compartilhadas pelos pesquisadores e pesquisadoras.

Ainda sobre o desenvolvimento da pesquisa e levantamento de fontes, fiz um levantamento no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) utilizando os seguintes termos: “Carlos Fonseca Amador”; “Carlos Fonseca Nicarágua”; “Sandinismo”; “Revolução Sandinista” e “Frente Sandinista de Libertação Nacional”. No primeiro encontrei uma gama enorme de resultados que pouco me levaram ao meu personagem. Diversos cruzamentos com o nome não me direcionarem especificamente ao nicaraguense. No segundo utilizando os filtros da Ciências Humanas e História da América Latina encontrei 14 resultados e apenas um citava o nome de Fonseca no resumo como liderança política que atraía ativistas para a mobilização sandinista. Sobre o terceiro termo encontrei 6 resultados que tratavam sobre questões literárias, falavam sobre a revolução em condições gerais ou utilizavam um recorte temporal posterior ao meu. No termo sobre a Revolução Sandinista, também com o filtro em História, História Latino-Americana e área de Ciências Humanas encontrei 405 resultados, porém nenhum diretamente sobre Carlos Fonseca e os trabalhadores, e poucos eram sobre a Nicarágua. E por fim, no último termo, usando o filtro de História Latino-Americana, encontrei 229 resultados, uns dedicados ao estudo da teologia da

libertação, outros também em períodos posteriores ao meu, alguns sobre a literatura produzida pelos sandinistas e grande parte, talvez maioria, sequer são sobre a Nicarágua.<sup>5</sup>

Felizmente, diversas fontes que eu precisava para desenvolver a minha pesquisa estavam acessíveis em plataformas online, consegui alguns contatos que me dispuseram ajuda e também acesso a materiais que até então eu desconhecia. Tive a oportunidade de entrevistar uma historiadora nicaraguense, personagem também fundamental para o êxito dos revolucionários da década de 1970, Comandante Dora María Téllez. Aprimorei a habilidade de cumprir a difícil tarefa de filtrar fontes primárias e selecionar bem cada documento que eu utilizei na dissertação para tentar extrair o máximo de cada um. E um dos meus principais objetivos é que minha pesquisa se concretize como contribuição para os estudos sucessores sobre o tema, principalmente no que tange a aplicação do marxismo na América Latina. As análises de Karl Marx e dos marxistas nos permitem traçar métodos de investigação precisos e adequá-los ao tempo e espaço que nos dedicamos a estudar. É por esta razão que decidi trabalhar como metodologia para esta pesquisa a categoria da experiência, advinda da lógica histórica, desenvolvidas pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson.

A lógica histórica discorda de que os valores, como expressões culturais, sejam simplesmente impostos pelo Estado, através de seus aparelhos ideológicos. Isso, no entanto, não significa negar que os valores se encontram perpassados pela ideologia dominante, mas afirmar o caráter contraditório das necessidades materiais e culturais. E mais uma vez, a categoria experiência se impõe como necessária para ajudar a evidenciar a capacidade de homens e mulheres romperem com condições impostas. Ao tratar classe social como um fenômeno histórico, definida pelos homens e mulheres enquanto vivem

---

<sup>5</sup> Foram usadas aspas nas buscas dos termos para mapear a expressão completa, não somente palavras soltas.

sua própria história, Thompson afirma a perspectiva de enxergar a realidade histórico-social como um movimento contínuo, sujeita a transformações oriundas das lutas de classes. Disso resulta a preocupação metodológica desse autor de que, para ter validade, toda categoria teórica é uma categoria histórica.

No meu entendimento, o nível de compreensão da realidade expressa pelo povo nicaraguense foi possível não somente através do aprofundamento de estudos e formação política promovida pelos grupos que podem ser considerados a vanguarda do processo revolucionário, aos quais Carlos Fonseca pertenceu, mas também pelas experiências concretas que esses trabalhadores viviam. Não somente dentro das relações de trabalho, mas em todos os pontos tocantes às suas vidas, ou seja, pelas suas experiências. Thompson então argumenta que é por meio desta categoria que se “compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1981, p. 15). É pela experiência que homens e mulheres definem e redefinem suas práticas, pensamentos e a consciência, fator fundamental para este trabalho.

Com isso, pensamos a construção do conhecimento a partir de uma relação dialética entre sujeito e objeto, dentro da concepção do materialismo histórico. Logo, as categorias teóricas são utilizadas como meios para o conhecimento, e não como categorias fechadas, rígidas, inflexíveis e imutáveis. Estas próprias categorias são, dentro deste método, produtos históricos sujeitos às modificações, pois “(...) à medida que o mundo se modifica, devemos aprender a modificar nossa linguagem e nossos termos. Mas nunca deveríamos modificá-los sem razão” (*Ibidem*, p. 34). Mantem-se então, o constante diálogo entre o ser social e a consciência social, entre as evidências e os conceitos.

Ou seja, para Thompson a história se manifesta por meio dos fatos e das evidências, que se tornam cognoscíveis através dos métodos históricos. Importante ressaltar que como marxista, a metodologia thompsoniana é materialista, então, se afastando do empiricismo o autor destaca que tais fatos e evidências não se manifestam por si mesmos, mas devem sempre ser interrogados pelas categorias teóricas. Portanto, através do diálogo entre conceitos e os vestígios é possível alcançar a objetividade do conhecimento. A teoria não se esgota na própria teoria, nem as evidências encontram-se submetidas a regras históricas. O diálogo existente entre teoria e evidência exige que os conceitos sejam dotados de determinada maleabilidade. Esta é a ferramenta metodológica utilizada para desenvolver toda esta pesquisa.

Destacando agora a estruturação da dissertação, optei por escrever o primeiro capítulo trazendo o esforço de desenvolver o contexto. Entendo que a nossa profissão enquanto historiadores/as carrega consigo a contextualização, não de forma mecânica, automática ou superficial, mas como um verdadeiro trabalho de dar sentido ao seu objeto. Acredito que esse desdobramento seja fundamental para localizar meu leitor no tempo e no espaço em que me dediquei a desenvolver minha pesquisa, entendendo toda realidade, contradições e movimentos históricos que abarcam esses 21 anos recortados (1955-1976).

Decidi então anexar o debate sobre os arcabouços teóricos que juntamente com a metodologia, guiam meus escritos. Ao mesmo tempo que não enxergo ser possível trabalhar em cima de uma realidade sem tocar nos conceitos e teorias que a permeiam. Por isso fiz ainda no primeiro capítulo a discussão sobre um dos pontos centrais de análise de um país como a Nicarágua e a origem das questões que esbarram diretamente com meu objeto: o imperialismo. E já deixo relatado nesta breve introdução que toda dissertação seguirá a linha leninista de análise sobre o referido conceito. Da mesma forma, me debruço sobre o desdobramento das classes trabalhadoras, partindo de sua construção

enquanto classe até atingir seu desenvolvimento de consciência. Debato sobre as conceituações de “classe em si” e “classe para si”, que acredito ser fundamental quando se trata de formação política e tomada de consciência, processos que, em minha investigação, são permitidos através da experiência.

No segundo capítulo me dedico a apresentar diretamente meu objeto, num esforço inclusive de responder as instigações que fiz no começo da introdução. Não tenho aqui como objetivo fazer uma biografia de Carlos Fonseca, já existem algumas publicadas e inclusive a de autoria de Matilde Zimmermann, que é extremamente rica em detalhes. Mas acredito ser importante assim como o contexto, anexar meu personagem-objeto na realidade a que me proponho analisar. Ora, se me dedico a estudar suas contribuições teóricas, seu olhar assertivo para a formação das classes trabalhadoras e sua contribuição *sine qua non* para toda construção da organização que consolidou o processo de libertação nacional, salvo todos as discordâncias que tenho sobre os eventos posteriores a isso, não poderia simplesmente colocá-lo como uma pedra na linha da história sem desenvolver minimamente sua trajetória.

Por isso apresento um pouco de sua experiência, não à toa se determina como metodologia, para chegar em sua maturidade política construindo todas as contribuições, textos, teorias e estratégias que compõem minha pesquisa e com isso buscar afirmar minha hipótese de que o papel de quadro teórico-intelectual político de Carlos Fonseca é fundamental dentro da organização popular e do caminho vitorioso que a Frente Sandinista de Libertação Nacional alcançou. Enxergando-o como personagem considerável no processo de apoio e solidariedade dos povos latino-americanos à Nicarágua e observando a relevante participação política dos trabalhadores e sua importância na luta anti-imperialista. A partir desse raciocínio, é possível enxergar com mais clareza sua lente de análise sobre as classes trabalhadoras.

Vale ressaltar que os títulos tanto dos capítulos quanto dos subtópicos de cada capítulo são provisórios. Apenas esbocei para conseguir me localizar no que abarcar em cada ponto em termos de conteúdo. É mais um guia de escrita do que um título fechado. Neste material apresentado para a qualificação constam dois capítulos, a serem ainda lapidados, junto com este esboço da introdução e um plano de escrita para o terceiro e último capítulo. Para este último pretendo, como descrito no plano de redação, fazer uma síntese a fim de desabrochar o ponto principal da pesquisa, que é a formação política dos trabalhadores em si.

Como já citado, trago como principal **hipótese** o papel de quadro teórico-intelectual político de Carlos Fonseca é fundamental dentro da organização popular e do caminho vitorioso que a Frente Sandinista de Libertação Nacional alcançou. Sobre isso, mesmo ainda não tendo finalizado a pesquisa ainda, minhas impressões pela análise das fontes e bibliografias são as de que é uma hipótese não somente válida como coerente. No que diz respeito aos **objetivos** este trabalho pretende: verificar como se deu a recuperação da memória de Sandino para a manutenção da perspectiva revolucionária; observar o projeto revolucionário nicaraguense; e analisar e relacionar os fenômenos históricos latino-americanos com a revolução sandinista.

Esse caminho está sendo e continuará a ser percorrido sendo pensado através das seguintes: 1) **fontes primárias**: escritos, praticamente em sua totalidade, de Carlos Fonseca, encontrados no site *memórias de la lucha sandinista*, com destaque para uma de suas principais obras, a coleção *Viva Sandino*; manifestos, cartas e declarações escritas por Augusto Cesar Sandino, disponíveis no *index* sobre Sandino no site *Latin American Studies*; a entrevista concedida a mim pela Comandante Dora María Téllez, conhecida também como “Comandante Dos”, que liderou a coluna de León no processo pré-revolucionário; entre outros. E também como principais 2) **fontes secundárias**: dois

livros de Matilde Zimmermann “Carlos Fonseca e a Revolução Nicaraguense” e “A Revolução Nicaraguense”, de 2012 e 2006, respectivamente, ambos os livros de talvez maior repercussão sobre a Nicarágua nos tempos recentes; um importante livro escrito pelo nicaraguense Omar Cabezas chamado “A Montanha é Algo Mais Que Uma Imensa Estepe Verde”, onde ele descreve do ponto de vista local o processo revolucionário; também alguns artigos acadêmicos sobre a Nicarágua e a Frente Sandinista de Libertação Nacional, principalmente de Fred Maciel, Professor do Colegiado de História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná <sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Informações retiradas do Currículo Lattes do autor, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8902937834731785>

## **2. Capítulo I – “Pátria libre o morir”: o início da luta de libertação nacional**

### **2.1 O contexto da Nicarágua**

A história da América Latina, em geral, tem ocupado mais espaço nos ambientes acadêmicos nos últimos anos, e o povo latino-americano tem reafirmado sua importância e valores culturais, teóricos e políticos. Com isso, para entendermos os processos de luta e resistência contra as intervenções imperialistas, principalmente dos territórios da América Central, se torna fundamental que pensemos a atuação dos Estados Unidos enquanto potência econômica, política e militar. Potência que disputa diretamente com os colonizadores europeus, em foco a Espanha, e que aplicou políticas perpetuadoras de características coloniais, como afirmou Matilde Zimmermann ao dizer que

A vida política do país, nos 150 anos posteriores à Declaração de Independência, foi dominada por conflitos e guerras esporádicas entre as facções conservadora e liberal da classe latifundiária, e pela intervenção dos Estados Unidos. Em 1855, décadas após a Independência, os liberais convidaram o aventureiro norte-americano William Walker a vir ao país para ajudá-los a derrotar seus rivais conservadores, mas isto não deu certo e Walker acabou declarando-se presidente da Nicarágua, impôs o inglês como idioma oficial e reintroduziu a escravidão, abolida várias décadas antes (ZIMMERMANN, 2006, p. 26-27).

A independência nicaraguense frente à metrópole espanhola se deu no ano de 1821, mas toda estrutura econômico-social colonial persistiu pelo século XX. Desde a época de colônia, a principal atividade econômica da Nicarágua era voltada para a agro exportação, e tinha sua expressão por meio da exportação de matérias-primas e importação de produtos manufaturados. Essa lógica foi mantida durante a segunda metade do século XIX, e a partir do início do século XX passou a estar sob a tutela norte-americana, quando através da implementação das plantações de café, as exportações agrícolas se expandiram rapidamente concentrando o acúmulo de riqueza nas mãos dos

senhores rurais, resultando inevitavelmente na miséria da maioria dos trabalhadores das fazendas (*Ibidem*, p. 27).

Os povos originários foram privados de suas práticas de agricultura, cultura, subsistência e da relação com a terra pela ingerência de um país submerso na lógica do capital monopolista financeiro <sup>7</sup> com práticas imperialistas. A expropriação das formas de vida, subsistência e trabalho das populações nativas latinas impulsionou a organização e resistência dessas populações aos ataques do capital. O desenvolvimento econômico local não era incentivado e havia uma grande ampliação no foco para o capital externo, dilatando a implementação das agroindústrias com a premissa de modernização para maior produção. Resultando em uma maior exportação de matéria-prima somadas aos abusos de poder dos senhores de terras e às leis de apropriação de áreas comunitárias das populações nativas, derivando num crescente achatamento de salários. Sobre esta estrutura comercial, Zimmermann fala

À medida que se disseminavam as áreas de cultivo do café, primeiro nas encostas próximas a Manágua e depois nas regiões montanhosas do centro-norte, os índios campesinos e mestiços até então autossuficientes foram forçados a firmar acordos de arrendamento, ou então a se mudar para regiões mais remotas das fronteiras agriculturáveis. Políticos conservadores e liberais incentivavam investimentos estrangeiros e a modernização da infraestrutura econômica, como vantagem para os exportadores agrícolas, ao mesmo tempo que a violência dos senhores de terras, o endividamento dos trabalhadores rurais, as novas leis para coibir a ociosidade e a apropriação de terras comunitárias das populações nativas serviam para achatar os salários. O trabalho forçado nos projetos públicos causou uma revolta dos índios em 181, na localidade de Matagalpa (ZIMMERMANN, 2006, p. 27).

A Nicarágua do século XX estava ainda inserida dentro de uma lógica de submissão, numa contradição entre concessões e resistências, frente à política

---

<sup>7</sup> ““O que caracteriza o capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, é a exportação de capital”, escreveu Lênin” (GALEANO, 2015, p. 317)

expansionista dos Estados Unidos. Desde o início deste século, os norte-americanos ocuparam econômica e militarmente o território nicaraguense, fazendo alianças com os principais líderes políticos e governantes, para terem o controle das rotas comerciais/marítimas. Nos primeiros anos da década de 1910, já ingressando no contexto da Primeira Guerra Mundial, foi concedido aos Estados Unidos, através do Tratado Bryan-Chamorro <sup>8</sup>, o direito perpétuo de controle e propriedade das terras e das instalações que fossem necessárias para se criar um canal interoceânico tendo como rota o canal da Nicarágua. Além disso, permitia a construção de uma base naval estadunidense em seu território. A Nicarágua funcionou por alguns anos como uma espécie de protetorado dos Estados Unidos, com governantes subservientes à Casa Branca, que reclamava o direito de intervenção para proteger seus empréstimos e investimentos no país, com a finalidade de garantir e manter sua estabilidade política, pois o capitalismo importa capitais dos países onde opera e “a crescente dependência de provisão estrangeira decreta uma também crescente identificação entre os interesses capitalistas norte-americanos na América Latina e a segurança nacional dos Estados Unidos” (GALEANO, 2015, p. 192) <sup>9</sup>.

Os Estados Unidos já faziam parte integral da realidade nicaraguense, inserindo no país os *marines* – soldados norte-americanos – para controlar qualquer organização contra as autoridades e estabelecer uma política de afirmação de superioridade militar, “invadiram a Nicarágua nada menos que catorze vezes, em geral para empossar um presidente que parecesse a Washington mais solidário com os interesses dos Estados Unidos (...) mais apto a proteger os interesses e os investimentos norte-americanos”

---

<sup>8</sup> Ver mais em: ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. 1ª reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 28.

<sup>9</sup> Entendo que o livro de Galeano, enquanto documento jornalístico importante para a temática, possui argumentos importantes para tratar das condições da América Latina e por essa razão, optei por utilizá-lo nesta dissertação.

(ZIMMERMANN, 2006, p. 27). Ou seja, por meio destas conciliações com o governo local, os EUA dominavam completamente não só a Nicarágua, como diversos outros territórios da América Central. Com isso, nos anos 1920 <sup>10</sup>, se iniciou de forma contundente a luta anti-imperialista <sup>11</sup> de Augusto Cesar Sandino, um camponês nicaraguense e inimigo número um dos estadunidenses na Nicarágua, que levantou a questão do combate à ingerência política, econômica e militar norte-americana e busca pela defesa da genuína soberania nacional – visto que esta não havia ocorrido efetivamente com o fim do domínio colonial no século XIX –, destacando que seu principal objetivo de luta guerrilheira era retirar a ocupação norte-americana da Nicarágua e suas implicações direta na vida dos trabalhadores <sup>12</sup>. Sandino também se manifestou

Acusando os líderes liberais e conservadores de “corja de canalhas, covardes e traidores, incapazes de dirigir um povo patriótico e valoroso”, Sandino refugiou-se nas montanhas do noroeste com seus seguidores. Dois meses depois, na cidade mineira de San Albino, divulgou um manifesto de desafio em que convocava o povo para uma guerra até a morte contra os invasores ianques: “Nossos peitos serão muralhas contra as quais suas hordas se chocarão, pois tenho a firma convicção de que, quando tiverem matado o último dos meus soldados, mais de um batalhão deles terá comido o pó de minhas montanhas agrestes” (ZIMMERMANN, 2006, p. 29) <sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> Aqui destaco que apesar de traçar o marco temporal a partir dos anos 1920 para falar sobre a luta anti-imperialista, a Nicarágua escreveu em sua história no decorrer dos anos 1800, um processo de resistência dos povos originários pela independência perante a metrópole.

<sup>11</sup> Na leitura de seus manifestos, principalmente ao longo da década de 1920, é possível concluir que o termo “anti-imperialista” resume a proposta política, teórica e prática de Sandino. Ver em:

<https://www.latinamericanstudies.org/sandino/sandino1-28-30.htm>;

<https://www.latinamericanstudies.org/sandino/sandino2-24-29.htm>

<sup>12</sup> Na Nicarágua o processo de exploração dos trabalhadores rurais e urbanos e dos povos nativos, que foram sendo atacados ao longo do tempo como também por meio do processo de colonização, foram perdendo sua personalidade a começar pela língua, gerou um estopim para os trabalhadores iniciarem não somente o desenrolar de uma organização contra a dominação latifundiária, mas também contra a transformação das plantações em agroindústrias e a aniquilação da marca da população nativa.

<sup>13</sup> Esse trecho que a autora cita foi retirado do manifesto de Sandino de 1º de julho de 1927. Ver mais em: <https://www.latinamericanstudies.org/sandino/sandino7-1-27.htm>

A relação direta de dependência <sup>14</sup> econômica da Nicarágua perante os Estados Unidos fez com que o país da América Central sentisse imediatamente os efeitos de uma das maiores crises econômicas que ocorreram no sistema capitalista, a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. O então presidente Juan Sacasa não sustentou política e economicamente os efeitos da crise. Na década de 1930, a principal atividade comercial da Nicarágua, que era a exportação de café, foi diretamente atingida e os grãos do produto sofreram uma gigantesca desvalorização, com isso, foi necessário multiplicar a produção para tentar suprir a perda de valor no mercado internacional. Dentro do contexto de crise, o país também elevou as taxas de desemprego tanto em áreas rurais quanto urbanas e cada vez mais camponeses perdiam suas terras.

A insatisfação dos trabalhadores, que não se limitava aos camponeses, levou os operários urbanos à diversas tentativas de formação de sindicatos e à criação do primeiro partido feito por trabalhadores da Nicarágua <sup>15</sup>. O desequilíbrio exterior que causou instabilidade interna no país gerou um cenário insustentável para o presidente Sacasa, e através de manipulações políticas internas com a articulação de Anastasio Somoza, então chefe da Guarda Nacional, juntamente com pressões externas promovidas pelos estadunidenses o governante foi retirado de seu cargo.

O *status quo* político da Nicarágua estava cada vez mais claro em termos de submissão ao imperialismo estadunidense nos aspectos militar e econômico. A solicitação feita pelo governo nicaraguense aos Estados Unidos para o apoio em conflitos internos teve como consequência direta a criação da Guarda Nacional da Nicarágua (GN), um

---

<sup>14</sup> Por dependência, entendo a situação da maioria dos países com estruturas semicoloniais, que possuem um “capitalismo atrasado” frente às potências econômicas e militares, a partir da fase monopolista do capital, categorizada pela teoria leninista sobre imperialismo. Sobre isso, Lenin destaca os “países dependentes que, dum ponto de vista formal, político, gozam de independência, mas que na realidade se encontram envolvidos nas malhas da dependência financeira e diplomática” (LENIN, 2011, p. 212).

<sup>15</sup> ZIMMERMANN, Matilde. A Revolução Nicaraguense, tradução de Maria Silva Mourão Netto. São Paulo, Editora UNESP, 2006, p. 32.

aparelho paramilitar controlado a princípio por um general estadunidense que efetivamente esteve no controle dos conflitos sociais do país à frente da Guarda até o ano de 1933<sup>16</sup>. Em contrapartida, a devida organização trabalhadora estava sendo levantada por Sandino e demais trabalhadores rurais e urbanos, com a criação do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua (EDSN), que tinha como lema “*Pátria y Libertad*”, com o objetivo de defender os interesses sandinistas de libertação do território e população nicaraguenses.

Foi durante a progressão do Exército Defensor da Nicarágua que Sandino assume, pela primeira vez, o posto de general. Porém, é importante destacar que sua relação com seus seguidores, em sua maioria camponeses – que viriam a formar o exército sandinista – era completamente diferente das relações dos latifundiários com os trabalhadores. Sandino carregava consigo a imagem de um líder simples, humilde, que lutava contra as transações corruptas que enriqueciam os donos de terra. O guerrilheiro se colocava em uma relação de igualdade com seus soldados, guiando-os nas batalhas. Esse ímpeto de Sandino e seus seguidores podem ser compreendidos pelo fato de não ter se estabelecido, desde o processo de independência até aquele momento, um processo efetivo que tivesse como objetivo a verdadeira libertação da Nicarágua, a não ser – como mencionado anteriormente – uma consequência de um rompimento direto com sua principal metrópole como subproduto de conflitos em áreas populosas.

Ainda sobre o general guerrilheiro, Sandino havia assinado em 1933 um acordo de paz com o presidente liberal e os fuzileiros norte-americanos já tinham saído do território nicaraguense, porém, a Guarda Nacional atuava violando os acordos de não agressão e travou alguns embates contra o Exército de Sandino. Por conta destas

---

<sup>16</sup> Após esse ano, Anastasio Somoza García foi o primeiro nicaraguense chefe da GN, nomeado diretamente pelos norte-americanos. Ela seguiu sendo utilizada como aparato de repressão durante todo governo ditatorial da família Somoza.

provocações, o guerrilheiro foi aconselhado a permanecer nas regiões mais distantes da capital para estar minimamente a salvo e rodeado pelo EDSN, porém, Sandino viajou até Manágua para – provavelmente por uma tática política – encontrar representantes do governo e Anastasio Somoza. Augusto Cesar Sandino na realidade se inseriu em um covil. No ano de 1934, durante sua pequena estadia na capital entre encontros, trocas políticas, apertos de mãos e brindes, os capangas da Guarda de Somoza, em sua residência, tramavam todos os passos para atacar não somente o general rebelde como alguns polos de apoiadores.

O princípio do ataque foi ao movimento sandinista em geral. Sandino foi detido com mais dois companheiros por soldados da Guarda Nacional e em seguida os três foram violentamente assassinados. Esse talvez pode ter sido um grande equívoco estratégico que ocorreu durante os quase dez anos em que Sandino estabeleceu sua luta anti- imperialista. A opção de ter ido até à capital tentar qualquer tipo de diálogo com a personificação de seu principal inimigo dentro de seu país em uma região em que seus soldados não estavam presentes – pelo menos não em grande número – foi cair numa armadilha sem precedentes<sup>17</sup>.

Com apoio e incentivos políticos, econômicos e militares, Somoza García assumiu o papel de governante da Nicarágua por volta do ano de 1936. Sendo um dos maiores latifundiários do país, sua base eleitoral foi composta principalmente pela burguesia, e os que eram donos de plantações obrigavam seus empregados a votarem nos candidatos escolhidos e apreciados pelos senhores. Como chefe da Guarda Nacional ele conquistou

---

<sup>17</sup> Por trás destas ações, os apoiadores da guerrilha afirmaram que todas as execuções foram incentivadas e aprovadas pelos Estados Unidos, por terem criado a Guarda Nacional e apontado a dedo seu chefe. Argumento totalmente embasado pelo fato de o país imperialista ter travado uma luta individual contra Sandino, buscando diversas formas de promover a sua morte se possível sem o transformar em mártir. O objetivo era não somente deter a luta que ele travava e sim aniquilar qualquer tipo de semente de resistência que poderia crescer ou se manter.

muitos simpatizantes, assumindo o papel de homem da ordem e promotor da paz e da segurança nacional. Somoza analisou muito bem os contextos políticos que se apresentavam mundialmente e sabia obter confiança de alguns setores nicaraguenses. Sob uma estratégia política bem traçada ele inseriu na Constituição de 1939 um engajamento vazio acerca de reformas sociais e comprometimento com o nacionalismo. Promoveu pequenos ataques à aristocracia rural trajados de promessas de melhorias de direitos trabalhistas, mas que efetivamente não resultaram em progressos políticos ou econômicos para os trabalhadores.

Anastasio Somoza solidificou seu regime com foco num modelo de Estado policialesco fortalecendo a Guarda Nacional, uma de suas principais bases. Firmou-se em uma aparência dúbia alternando-se entre o discurso nacionalista e a lealdade aos Estados Unidos. Os imperialistas fortaleceram militarmente a Nicarágua durante o governo de Somoza, principalmente para que o país fosse capaz de derrotar qualquer invasão dos países do Eixo durante a Segunda Grande Guerra <sup>18</sup>. O território nicaraguense se tornou também braço militar de apoio aos Estados Unidos e gradativamente Somoza foi demonstrando sua face ditatorial.

As promessas de Somoza no início do seu governo foram se demonstrando cada vez mais falhas e vagas. Somente cerca de 10% do orçamento federal eram destinados à saúde e educação, suas relações continuavam sendo com as classes dominantes – principalmente as partidárias – e nada se fazia pelos trabalhadores apesar do presidente continuar alimentando uma imagem de governo que defendia não somente os direitos, mas também a dignidade de trabalho, tudo isso enquanto suas riquezas e propriedades só aumentaram. Da mesma forma que aumentou o financiamento externo para que Somoza

---

<sup>18</sup> Apesar de ter tutela dos Estados Unidos e estar intimamente ligado aos imperialistas norte-americanos, Somoza García tinha aproximação com ideais nazifascistas, admirava a política de Mussolini e atraiu apoio de grupos pró-fascistas. Ver mais em: ZIMMERMANN, Matilde. A Revolução Nicaraguense, tradução de Maria Silva Mourão Netto. São Paulo, Editora UNESP, 2006, p. 32.

aprofundasse sua política reacionária e ditatorial, protegendo seus próprios interesses e os do latifúndio da classe dominante. Essa atuação de Somoza foi descrita por Zimmermann quando a autora relata que

Em meados de 1940, filho de um cafeicultor aguerrido, Anastasio Somoza era um dos maiores latifundiários do país, com mais de cinquenta fazendas de gado e quase o mesmo número de plantações de café. Muitas dessas propriedades haviam sido confiscadas de alemães naturalizados, expulsos do país durante a Segunda Guerra Mundial o que permitiu a ele acumular tremenda fortuna pessoal sem entrar diretamente em conflito com as tradicionais famílias proprietárias de muitas terras. Na realidade, todos os estratos da classe dominante na Nicarágua gozavam de considerável prosperidade na década de 1940, quando os preços das exportações estavam em alta e, na década seguinte, quando explodiram os preços da venda do algodão no mercado externo. A ajuda militar dos Estados Unidos cresceu acentuadamente durante a Segunda Guerra Mundial, levando à modernização da Guarda Nacional, da Marinha e da Aeronáutica, e à criação de novo aparato para a política secreta, a Oficina de Segurança Nacional. (ZIMMERMANN, 2006, p. 33)

Através da crítica de sua postura liberal a oposição da base dos membros do Partido Conservador (PC) também crescia e membros da ala liberal também romperam com seus aliados para fundar o Partido Liberal Independente (PLI). Essas forças se uniram para promover passeatas contra o presidente em movimentos a favor da democracia que foram duramente reprimidas, resultando em prisões de seus principais organizadores e exílio de inimigos políticos. A estratégia somozista de eliminação de seus opositores foi posta em prática de maneira cada vez mais contundente, enquanto politicamente se disfarçava atrás de uma máscara demagógica. Porém, quando se viu minimamente ameaçado pelos trabalhadores, Somoza se virou brutalmente contra o operariado e apostou em conciliações com membros das classes dominantes, conservadores e liberais, em um acordo chamado “Pacto dos Generais”<sup>19</sup>.

Somoza recorreu a todo tipo de ataque aos trabalhadores, principalmente aos camponeses. Com a substituição do café pelo algodão como principal produto para o

---

<sup>19</sup> Esse pacto representou um compartilhamento de poder entre conservadores e liberais, favoráveis a Somoza, que se uniram quando sentiram seus poderes e privilégios ameaçados pelas camadas populares.

mercado exportador, a extensão da área de cultivo cresceu mais de cinco vezes durante os primeiros anos da década de 1950, mais de dois quintos de terra cultivada da Nicarágua eram de algodão, e milhares de trabalhadores sazonais ocupavam os postos de trabalho temporário. Conforme as plantações de algodão cresciam, lavradores e comunidades indígenas eram expulsos de suas terras, foram forçadamente empurrados para a cidade e somaram-se a população urbana desempregada. Ou seja, a medida em que o cultivo de algodão produziu grandes fortunas aos senhores de terra latifundiários, gerava o aprofundamento da desigualdade social e da miséria.

## **2.2 Diálogos internacionais: Nicarágua e as revoluções pelo mundo**

Os processos revolucionários, como os de Cuba e Argélia, serviram de impulsores para diversas movimentações populares na Ásia, e outros territórios de África e América Latina. Além disso, crescia e se fortificava a resistência dos vietnamitas frente à ocupação militar norte americana em seu país. A partir dessa onda de lutas contra as ações imperialistas dos Estados Unidos em busca de controle de terras petrolíferas e canais comerciais, o núcleo de Havana em Cuba, se mobilizou para convocar, principalmente através da imagem de Che Guevara, uma conferência de solidariedade entre os países que defendiam sua autonomia e estabeleciam a luta contra o imperialismo. O objetivo era estabelecer uma maturidade nos povos para que caminhassem para um processo de triunfo e instauração de um governo de caráter socialista. Além disso, apontar a principal cabeça do imperialismo a ser derrotada naquele momento: os Estados Unidos.

Augusto Sandino, através da construção de sua imagem e ação prática de luta, serviu de grande inspiração esses processos revolucionários, dentro e fora da Nicarágua. Inspirou as estratégias de guerrilha dos revolucionários cubanos e a luta de jovens

universitários que por volta dos anos 1960, o homenagearam e se embasaram em sua luta ao criarem a Frente Sandinista de Libertação Nacional, a ser desenvolvida no segundo capítulo, que tinha como seu principal fundador, intelectual e dirigente, Carlos Fonseca. Fidel Castro e seus combatentes também estudaram a estratégia militar sandinista em seus caminhos por Sierra Maestra antes de culminar a Revolução Cubana de 1959. A influência de Sandino se manteve viva nesta Primeira Conferência de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e América Latina, em janeiro de 1966, e sua imagem representava uma rebeldia patriótica, sendo lembrado junto com o líder da luta anticolonial do Congo, Patrice Lumumba, representando “a decisão dos povos subjugados de expulsar a intromissão imperialista, a decisão dos povos subjugados de ser donos absolutos de seus próprios destinos” (FONSECA, 1984, p. 5).

É importante destacar que Sandino teve um olhar político muito próprio e assertivo acerca dos desdobramentos políticos de seu país. Seu objetivo era lutar junto com as classes trabalhadoras da Nicarágua, do campo e da cidade, para defender seu povo e território de todos os ataques de extermínio – das mais diversas formas – que eram promovidos pelos Estados Unidos. Ele escreveu em seu manifesto de 1º de julho de 1927

Aceito o desafio do invasor covarde e dos traidores da nação. Nossos seios serão muralhas contra as quais suas hordas se despedaçarão, porque estou firmemente convencido de que, quando eles matarem o último dos meus soldados, mais do que um batalhão de seus próprios homens terá morrido em minhas montanhas selvagens. Eu não serei como Maria Madalena, que implorou o perdão de seus inimigos de joelhos, porque eu acredito que ninguém nesta terra tem o direito de ser um semideus humano. (...) O mundo seria um lugar desequilibrado se permitisse aos Estados Unidos da América governar sozinho sobre o nosso canal, porque isso significaria nos colocar à mercê do Colosso do Norte, forçando-nos a um papel dependente e tributário de pessoas de mau estado (SANDINO, 1927, s/p).

Assim como Sandino, Ernesto Che Guevara ressaltou, em seu principal discurso durante a conferência de solidariedade, a grande semelhança entre as classes dos países latinos, o que poderia facilitar a construção de uma identidade internacional da América

Latina, que conseqüentemente poderia fortalecer ainda mais os processos de resistência às ingerências estadunidenses. Era de fundamental importância ressaltar os ataques dos Estados Unidos, frequentes e violentos e que “há de levar em conta que o imperialismo é um sistema mundial, última etapa do capitalismo, e há que combatê-lo numa grande confrontação mundial” (GUEVARA, 1967, s/p)<sup>20</sup>. Para isso, é fundamental olharmos a relação da Nicarágua com o mundo, também fazendo o caminho inverso. Ao longo dos anos, a luta sandinista inspirou e foi inspirada. Assim como já citado acima, que os revolucionários cubanos beberam da fonte das estratégias guerrilheiras de Sandino, os sandinistas na Nicarágua a partir da década de 1960 foram influenciados pelas mais diversas lutas anti-imperialistas e anticoloniais, inclusive, pelos próprios cubanos. A movimentação em Cuba, no Vietnã, na Argélia, dentre outras, e a herança do próprio Sandino, tornou possível o desabrochar do movimento revolucionário independente e efetivo na Nicarágua que culminou na Revolução de 1979<sup>21</sup>.

Para os continentes Africano, Asiático e Latino-americano, que foram colocados em condição de dependência econômica, atraso e superexploração, a principal tarefa consistiu em eliminar a relação de dominação que os Estados Unidos firmavam suas bases de sustentação da política imperialista, o que resultaria na libertação real dos povos. E essa libertação se daria através de luta armada a se converter em uma revolução socialista. Toda ação era uma expressão de combate aos ataques imperiosos dos Estados Unidos e

---

<sup>20</sup> Um dos caminhos propostos por Che Guevara para combater o capitalismo era forjar o “homem novo”. Sobre esse conceito, o autor mexicano Juan Monroy-Garcia diz que “A imagem de Che Guevara, a figura de Sandino e a montanha, formaram parte do ideal revolucionário do homem novo (...). Ernesto Guevara considerou que o homem vivia alienado pela lei do valor da sociedade capitalista, que esta atua em todos os aspectos da vida e modela o destino do homem, fazendo predominar o individualismo; assim em seu pensamento, o homem, como produto do capitalismo, vive alienado, negando sua essência. A resposta de Che Guevara foi forjar um homem novo, um novo humanismo; o socialismo cubano era a oportunidade de gerar tal alternativa.” (MONROY-GARCIA, 2015, p. 28)

<sup>21</sup> Como neste trecho nos referimos às influências que sofreu o processo revolucionário da Nicarágua a partir dos anos 1960, não falamos sobre a União Soviética (URSS), pois já se encontrava em um cenário bem diferente do que apresentou no início do século XX, e que nesse referido momento, tinha como governante Nikita Krushchev. Os soviéticos apresentavam pouca ou nenhuma conexão com a Nicarágua.

um chamado à unidade das nações. O próprio Sandino clamou pela união internacional dos povos oprimidos, em uma carta escrita em 4 de agosto de 1928 aos regentes da América Latina, ele escreveu

Os governos latino-americanos acham que talvez os ianques se contentariam apenas com a conquista da Nicarágua? Terão esses governos esquecido que, entre 21 repúblicas americanas, seis já perderam sua soberania? Panamá, Porto Rico, Cuba, Haiti, Santo Domingo e Nicarágua são as seis infelizes repúblicas que perderam sua independência e se tornaram colônias do imperialismo ianque. Os governos dessas seis nações não defendem os interesses coletivos de seus compatriotas, porque chegaram ao poder, não por vontade popular, mas sim impostos pelo imperialismo, e assim acontece que aqueles que chegam à presidência apoiados por Os magnatas (sic) de Wall Street defendem os interesses dos banqueiros americanos. Nessas seis nações hispano-americanas infelizes, resta ao povo a lembrança de sua independência e a longínqua esperança de reconquistar sua liberdade por meio dos formidáveis esforços de alguns filhos nativos, que lutam incansavelmente para resgatar seu país da infâmia em que os renegados os afundaram. A colonização ianque avança rapidamente sobre nossas nações sem encontrar em seu caminho um muro de baionetas e, portanto, quando chega sua vez, cada um de nossos países é esmagado pelo conquistador com pouco esforço de sua parte, porque, até agora, cada um se defendeu sozinho. (...) Somos noventa milhões de hispano-americanos e devemos pensar apenas na *nossa unidade*, reconhecendo que o imperialismo ianque é o inimigo mais brutal que agora nos ameaça e o único que pretende acabar com a nossa honra racial e a liberdade dos nossos povos através da conquista. Tiranos não representam nações e a liberdade não é conquistada com flores (SANDINO, 1928, s/p, grifos nossos) <sup>22</sup>.

É possível notar na história que se seguiu, que o ímpeto e luta iniciada por Sandino não foi um fim em si mesma e não recuou com seu assassinato. Foi uma inspiração que perpassou décadas e gerações, servindo de molde para as mais importantes revoluções latinas e vinte anos depois, o processo de libertação nacional de seu próprio país <sup>23</sup>. Os reflexos diretos que a luta sandinista criou culminaram em ações importantíssimas para o movimento de oposição. Após da morte de Augusto Sandino, o cenário parecia favorável

---

<sup>22</sup> Tradução livre.

<sup>23</sup> Neste momento, estamos nos limitando a falar do processo de libertação nacional que culminou na Revolução Popular Sandinista de 1979, sem intenção de desenvolver e aprofundar o que entendemos como equívocos políticos que ocorreram após esse marco, principalmente a partir da década de 1990.

ao governo e à Guarda Nacional, visto que haviam eliminado seu principal foco opositor.

Matilde Zimmermann relata

A tentativa de um golpe por oficiais dissidentes da Guarda Nacional, em 1954, nem sequer chegou perto do Palácio Nacional. É pouco provável que a polícia secreta de Somoza tenha notado um pequeno grupo de alunos secundaristas lançando uma revista de teor cultural, em Matagalpa, em 1954-1955, embora ela viesse a ser o germe de uma organização cuja expansão Somoza algum seria capaz de deter (ZIMMERMANN, 2006, p. 36).

Somoza acreditava que após ter derrotado Sandino, seria possível aniquilar qualquer ponto de oposição ou rebelião que pudesse surgir, principalmente os estudantis. Mesmo tendo soldados que abandonaram a Guarda Nacional para virarem oposição e possuíam treinamento armado, falharam em seus planos de golpe e derrubada do governo. Somoza Garcia estava confiante em sua reeleição em 1956 e contava cada vez mais com o apoio e fortalecimento por parte dos imperialistas norte-americanos. Sua campanha enfatizava suas diferenças com o candidato conservador, prometendo implementar códigos de defesa do trabalhador, construir casas populares e apoiar as classes trabalhadoras em seus conflitos contra o capital.

O presidente vestiu uma máscara popular que jamais o pertenceu. Muitos operários já haviam tomado a consciência de que havia um grande abismo entre o que Somoza prometia e o que de fato ele realizava. As classes trabalhadoras ficaram divididas entre dois lados que não as representavam. E a verdade era que Somoza não possuía o apoio e legitimidade que acreditava ter. Diversos grupos armavam sua deposição e tentativas de derrubá-lo, até que em 1956, Rigoberto López Pérez, um poeta, assassinou Anastasio Somoza Garcia durante uma celebração de sua campanha eleitoral. Esta foi a maior prova de que o presidente não tinha dimensão de sua oposição e tampouco o controle absoluto sobre ela <sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Por mais que sua intenção fosse iniciar o fim da tirania da somozista, ele apenas quebrou a primeira parte. Imediatamente Luis Somoza, um dos filhos de Anastasio Garcia, foi nomeado presidente e seu outro filho

Portanto, é importante entender que os processos revolucionários que se desenrolaram na América Latina até, primeiramente, a Revolução Cubana, e posteriormente com a Revolução Popular Nicaraguense, foram consequências diretas de lutas como a de Sandino, que se iniciaram na abertura de portas do século XX e estabeleceram um marco fundamental para o enfrentamento das ações agressivas de países considerados potências econômico-militares, imperialistas, através promoção de dependência econômica e política que se tornava consequência da expansão de dominação estadunidense em associação às políticas entreguistas de governantes locais.

Os processos de oposição latino-americanos caminhavam para os mesmos fins de organização popular. Durante o amadurecimento e desenrolar do movimento cubano, por volta do ano de 1958, os olhos dos grupos com tendências revolucionárias e da população em geral estavam voltados para Cuba. A intensificação das ações guerrilheiras contra Fulgêncio Batista e o recuo do estado de sítio que Luis Somoza, então presidente da Nicarágua, implantou após a morte de seu pai Anastasio Somoza Garcia, foram impulsionadores para a retomada de vários tipos de ações de oposição aos governos ditatoriais.

Portanto, é importante afirmar que como todo movimento socialista coerente, os sandinistas se debruçaram sobre o internacionalismo e não trabalharam sozinhos. Dentro de uma lógica de solidariedade entre os povos latino-americanos, consolidado pela Tricontinental <sup>25</sup>, que marcou profundamente todos os processos com aspectos revolucionários contra a ação de expansão imperialista estadunidense, os sandinistas

---

Anastasio Somoza Debayle já era o chefe da Guarda Nacional. Luis Somoza implantou o estado de sítio e a perseguição aos ativistas estudantis, gerando uma grande onda de repressão, buscando o apoio dos trabalhadores operários para enfrentar a oposição dos intelectuais.

<sup>25</sup>A Tricontinental é também como se conhece a Conferência de Solidariedade dos Povos Africanos, Asiáticos e Latino-Americanos que realizou seu primeiro encontro em Havana, no ano de 1966.

contaram com o apoio de diversos países como Cuba, Honduras, El Salvador, movimento mexicano e alguns soldados revolucionários da Guatemala.

### **2.3 A ingerência imperialista dos Estados Unidos na América Latina: o processo de acumulação e expropriações**

Para pensarmos em imperialismo, expansão do capital e processo de acumulações, é fundamental que tenhamos em mente que o imperialismo traz consigo a violenta instabilidade econômica, a disputa constante de controle do mercado mundial e a reformulação de formas gritantes do colonialismo, exacerbando as características mais predatórias do capital, garantidas pelo acúmulo colossal de riquezas e forte poder militar controlados pelas nações opressoras. Uma das principais características do capitalismo moderno, onde impera o monopólio, é a exportação de capital.

Na América Latina, ocorreu e ainda ocorre um processo direcionado pelo imperialismo norte-americano. Quando fala sobre as fontes subterrâneas de poder, Galeano (2015, p. 192) intitula seu capítulo falando sobre essa atuação dos Estados Unidos na América, afirmando que “a economia norte-americana precisa dos minerais da América Latina como os pulmões precisam de ar”. O avanço do capitalismo é baseado na violência, o processo de expropriações de terras, bens e direitos, objetivando a acumulação de capital é em si um movimento violento. Os povos originários, trabalhadores do campo e da cidade sentiram em sua realidade essa brutalidade atuante como reprodutora do sistema colonial. Sobre isso, Marx escreveu que

A descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-

negras caracteriza a aurora da era da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva. (...) Os diferentes momentos da acumulação primitiva repartem-se, agora, numa sequência mais ou menos cronológica, principalmente entre Espanha, Portugal, Holanda, França e Inglaterra. (...) esses momentos foram combinados de modo sistêmico, dando origem ao sistema colonial, ao sistema da dívida pública, ao moderno sistema tributário e ao sistema protecionista. Tais métodos, como, por exemplo, *o sistema colonial, baseiam-se, em parte, na violência mais brutal.* (...) A violência é a parteira de toda sociedade velha que está prenhe de uma sociedade nova (MARX, 2017, p. 821, grifos nossos).

Sobre essas análises do modo de produção capitalista, é fundamental a compreensão de que ele não se dá de forma homogênea: existem níveis de desenvolvimento do modo de produção do capital. Desse modo é necessário entender a fase imperialista do desenvolvimento capitalista. Para trabalhar com uma definição do imperialismo em si, recorreremos à Lênin, quando ele diz

O imperialismo surgiu como desenvolvimento e continuação direta das características fundamentais do capitalismo em geral. Mas o capitalismo só se transformou em imperialismo capitalista quando chegou a um determinado grau, muito elevado, do seu desenvolvimento, quando algumas das características fundamentais do capitalismo começaram a transformar-se na sua antítese, quando ganharam corpo e se manifestaram em toda a linha os traços da época de transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social mais elevada. O que há de fundamental neste processo – do ponto de vista econômico, é a substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios capitalistas. A livre concorrência é a característica fundamental do capitalismo e da produção mercantil em geral; o monopólio é precisamente o contrário da livre concorrência, mas esta começou a transformar-se diante dos nossos olhos em monopólio, criando a grande produção, eliminando a pequena, substituindo a grande produção por outra ainda maior, e concentrando a produção e o capital a tal ponto que do seu seio surgiu e surge o monopólio: os cartéis, os sindicatos, os trustes e, fundindo-se com eles, o capital de uma escassa dezena de bancos que manipulam milhares de milhões. Ao mesmo tempo, os monopólios, que derivam da livre concorrência, não a eliminam, mas existem acima e ao lado dela, engendrando assim contradições, fricções e conflitos particularmente agudos e intensos (LENIN, 2011, p. 216-217).

Com a clareza da atuação do imperialismo, como uma fase do capitalismo, em seu movimento de expansão em busca de controle de territórios externos e de constante

necessidade de acumulação de capital <sup>26</sup>, enxergamos como isso incidia diretamente na vida dos trabalhadores nicaraguenses e suas relações de trabalho. Para além das condições gerais de expansão, existiam questões específicas da realidade de cada grupo dos povos latinos, no que tange ao processo de expropriação e inserção no mundo do trabalho. Logo, podemos entender a expropriação capitalista como nos esclareceu Marx (2017, p. 790) a forma pela qual os senhores expulsavam brutalmente os camponeses das terras onde viviam e lhes usurpavam as terras comunais, promovendo a ruína do campo. De maneira semelhante, Fontes descreve como

uma relação social, entre classes, através da qual grupos crescentes de trabalhadores são incapacitados de assegurar sua plena existência, impedidos de recuar para as antigas formas, mesmo quando não se lhes oferece condições para assegurar sua subsistência nas novas modalidades sociais (FONTES, 2010, p. 83).

A leitura de Marx também permite entender a estruturação do sistema capitalista e sua constante busca por acumulação de capital, o que gera movimentos expansionistas de caráter imperialista e reproduzindo o sistema colonial <sup>27</sup>. A condição do capital exige que ele expanda a base social sobre a qual se assenta, o que Marx chamou de relação capital-trabalho” ou seja, essa relação é o cerne da dominação sobre o restante das relações sociais. A expropriação não representa somente uma atuação no campo econômico, em termos de retirar do trabalhador os meios de subsistência e acesso direto à terra, mas também a perda de dimensões sociais e culturais relevantes. O que o sistema capitalista exige é “uma posição servil das massas populares, a transformação destas em trabalhadores mercenários e a de seus meios de trabalho em capital” (MARX, *op. cit.*, p. 792). E para entendermos os processos de resistência que foram se construindo frente a

---

<sup>26</sup> Quando pensamos em acumulação de capital, é importante ter em mente que se trata de um processo cíclico (reorganizando as condições estruturais gerais para o processo de acumulação).

<sup>27</sup> O capitalismo para se expandir precisa de uma fronteira externa, algo fora dele, que ele vá fagocitar, colonizar, devastar e incorporar. Ver mais em: LUXEMBURGO, Rosa. *A acumulação do capital*. Estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970

esses movimentos do capital, é importante olharmos para a expropriação desse trabalhador direto, no caso da Nicarágua pensando também os camponeses como o setor mais emblemático <sup>28</sup> porém não o único.

Esta conversão dos meios de trabalho e vida em capital citada por Marx significa, em termos gerais, que os trabalhadores do campo são expulsos de suas terras e retirados das atividades e da possibilidade de continuar produzindo para sua subsistência. Seus meios de produção passam a ser utilizados de forma subordinada ao capital, portanto, a produção não é mais necessariamente para suprir as necessidades do trabalhador e sim para produzir o que Marx chamou de “mais valor” <sup>29</sup>. E dentro desta lógica expansionista do imperialismo protagonizado pelas classes dominantes estadunidenses tendo em mente a análise específica da América Latina, entendemos que para se expandir o capitalismo vai produzir mais trabalhadores e expropriar os que estão no campo e converter seus meios de vida em capital, gerando a produção capitalista. Sobre essa produção, Marx dizia

A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, mas essencialmente produção de mais-valor. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, por isso, que ele produza em geral. Ele tem de produzir mais-valor. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital (MARX, 2017, p. 578).

E a consequência direta desta expropriação para a produção capitalista, foi descrita também por Marx, quando este disse que

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O

---

<sup>28</sup> As expropriações são a base fundamental da geração da força de trabalho que por sua vez gera mais valor. A relação social fundamental que sustenta o capital é a extração de mais valor, mas para que essa extração ocorra, é preciso outra relação social ainda mais latente, que é a expropriação massiva do povo do campo.

<sup>29</sup> Ver mais em MARX, 2017, capítulo 14. E Virgínia Fontes também utiliza a expressão “valorização do valor”. Entrevista de Virgínia Fontes, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sko0GR4x888>

trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos hofon (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (*Idem*, 2010, p. 80, grifos do autor).

Ou seja, na sociedade capitalista, a força de trabalho é uma mercadoria como qualquer outra, porém possui o atributo de criar valor, e “com um tratamento adequado, uma fonte de mais valor do que ela própria possui” (ENGELS, In: MARX, 1982, p. 6). E pensando na configuração majoritariamente rural dos trabalhadores e da economia nicaraguenses no referido período, podemos recorrer também à uma reflexão feita por Virgínia Fontes,

Será que, na América Latina teriam se expandido majoritariamente expropriações parciais (semiproletarizações), não apenas forçando os trabalhadores nativos a uma remuneração mais baixo, mas impondo uma dupla jornada – a tradicional, não mercantil e outra, capaz de assegurar algum rendimento em dinheiro, totalmente sub-remunerada? Nesse sentido, esses trabalhadores nativos não integrariam o mundo do valor capitalista, mas um mundo misto, no qual o valor da força de trabalho de alguns seria permanentemente rebaixado exatamente em função de sua não expropriação integral. Essa hipótese sustenta a tese de uma superexploração (...) (FONTES, 2010, p. 86).

Considerando estas provocações, desenvolvem-se as considerações acerca das relações de dominação e exploração aprofundadas na sociedade capitalista contemporânea. O capitalismo desde o início impôs condições miseráveis e precárias de trabalho aos grupos explorados pelos burgueses, detentores dos meios de produção. Como dito acima, a expansão do capitalismo e a busca cada vez mais crescente pela acumulação de capital aumentava a produtividade ao mesmo tempo que aumentava a precarização das relações de trabalho. Essa massa de capitais precisa também expandir formas de extração de mais valor de qualquer maneira sob quaisquer condições, através da imposição massiva das formas mais distintas da exploração.

O desenvolvimento do capital é ao mesmo tempo aprofundamento da tragédia social. Esta contradição produz crises, entretanto, elas não significam necessariamente uma crise do próprio sistema, posto que como elemento fundamental do capitalismo, podem significar um aprofundamento dessa forma de relação social. Gera devastação de setores do capital (centralização/concentração) afetando as forças produtivas. É importante lembrar que esse processo ocorre de maneira desigual nos países mesmo que incidindo sobre elementos similares, sendo pautados sob o mesmo aspecto de violência, pois “a hipocrisia profunda e a barbárie inerentes à civilização burguesa se difundem sem véus diante de nossos olhos, passando da sua fornalha natal, onde ela assume formas respeitáveis, às colônias onde ela assume suas formas sem véus” (MARX, 1853, s/p). A centralização do capital é fundamental para sua existência de potência independente, tendo influências devastadoras para os mercados do mundo, revelando as verdadeiras leis orgânicas inerentes à economia capitalista.

A faceta que assume o capitalismo moderno, desde seu início, carrega o discurso de progresso técnico e traz consigo uma sistemática e sintomática degradação das condições de vida e meios de subsistência das classes trabalhadoras no campo e na cidade. A análise profunda de todos os fenômenos listados até aqui, é fundamental para entender como a atuação imperialista incidiu e incide sobre a Nicarágua e a América Latina como um todo e nos possibilita observar, compreender e explorar o desenvolvimento da diversidade e intensidade dos movimentos de resistência, em seus mais diversos caracteres, neste trabalho com olhar de destaque para os que ousaram superar as ações moderadas/ultra moderadas, espontaneístas ou que se limitaram aos marcos institucionais – alguns com políticas de traição –, e estabeleceram uma verdadeira base de vanguarda anti-imperialista.

## 2.4 A formação política das classes trabalhadoras

Para considerarmos o processo de formação e desenvolvimento político, social, econômico e cultural das classes trabalhadoras, é necessário explicitar a partir de que pontos entendemos a construção da classe. Dá-se então, o objetivo de desenvolver os conceitos que envolvem a identificação de indivíduos enquanto classe, o amadurecimento de sua consciência, as expressões de sua cultura e atuação das classes trabalhadoras não somente no processo em si, mas tendo sua formação política desenvolvida. Logo, é necessário apresentar o desenrolar da análise teórica, dentro do contexto apresentado nos parágrafos anteriores, trabalhando tanto o conceito de formação de classe, principalmente o que consta tanto no trabalho do historiador Marcelo Badaró Mattos, quanto a categoria de experiência, cunhada por E. P. Thompson.

Primeiramente, trabalharemos com a ideia da formação de classe, que Badaró Mattos se debruça, desenvolvendo a criação de uma identidade comum entre os trabalhadores nicaraguenses – entendendo que a identidade de classe se dá ao mesmo tempo que a classe se forma –, porém sempre observando suas contradições. As condições objetivas da construção de uma classe, em específico as classes trabalhadoras – ainda mais especificamente seu desenvolvimento e sua posição dentro das relações sociais de produção no século XX – perpassa pela análise do surgimento e atuação do Estado capitalista que coloca em oposição e contradição direta os donos dos meios de produção, a classe dominante, e os trabalhadores que vendem sua força de trabalho para sua própria sobrevivência, que estão subsumidos à relação capital-trabalho, as classes exploradas, estabelecida pela consumação do trabalho assalariado.

Nas relações sociais de produção capitalistas se apresentam as contradições entre as duas classes mencionadas, e se gera então o ponto central do conflito, que identificamos como “luta de classes”, que segue em constante movimento, assumindo

uma dimensão dinâmica e histórica. Portanto, a formação das classes trabalhadoras se dá através da observação pelos indivíduos de sua posição nas relações de produção, que analisam sua condição objetiva desde o surgimento dos meios de produção e do Estado capitalista, e como os interesses de grupos se apresentam de forma antagônica sendo inconciliáveis. Essa identificação da *convergência* de interesses entre os grupos de trabalhadores é o movimento da formação de classe. Logo, se trata de um movimento dinâmico, tanto econômico quanto cultural. Entendemos, portanto, que não é possível dentro da análise marxista pensar sobre cultura como um movimento separado do fenômeno da luta de classes, pois existe um aspecto de interdependência nas relações de política, economia e cultura. A partir do momento em que se tenta estabelecer uma separação, pensando esta categoria como fator determinante de mudança sem estar atrelada aos âmbitos políticos e econômicos, o movimento adquire características de análise que não consideram a observação da realidade concreta.

Dentro das relações de produção, experiências comuns e compartilhamento do ambiente de trabalho permitiram aos trabalhadores identificarem interesses que deles enquanto grupo se opunham aos burgueses. O autor coloca em questão o entendimento de classes trabalhadoras a partir da análise de sua posição dentro das relações de produção, sendo um processo histórico de amadurecimento e que vai se moldando de acordo com as experiências vividas pelos trabalhadores. Com isso, é possível compreender que as experimentações dos trabalhadores nicaraguenses, permitiram que estes observassem e compreendessem de forma prática o antagonismo de sua posição dentro das relações sociais de produção perante os exploradores, causando um estopim de lutas não somente pelos seus direitos e garantia e condições adequadas de vida e trabalho, mas também impulsionadas pela defesa da soberania nacional de seu país, visto que os oligarcas e burgueses que detinham os meios de produção estavam diretamente

atrelados ao governo norte-americano e demonstravam apoio tácito à sua política imperialista.

Sob a análise thompsoniana, entendemos pela tradição marxista que classe é, ou deveria ser, uma categoria descritiva histórica, e a formação e luta de classes se tornam a expressão das relações de produção, onde no decorrer dos eventos históricos, as pessoas conscientes de suas relações se identificam, se unem ou se separam, entram em conflitos, criam instituições e reproduzem seu arsenal de valores. Ao tratar classe social como um fenômeno histórico, “definida pelos homens enquanto vivem sua própria história”, Thompson afirmou a perspectiva de ver a realidade histórico-social como um movimento contínuo, sujeita a transformações oriundas das lutas de classes. Disso resultou sua preocupação metodológica de que, para ter validade, toda categoria teórica é uma categoria histórica. Essas movimentações ocorrem por conta da categoria experiência, objetivando também o estudo da cultura política.

Essa categoria busca compreender o processo histórico através das evidências históricas e como trabalhadores pensam dentro de condições determinadas, “em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações e em sua autoconsciência dessa experiência” (THOMPSON, 1981, p. 111). O historiador analisou a experiência real compreendendo a relação entre ser social e consciência social. Sob a ótica marxista, afirmou que é pela experiência que homens e mulheres definem e redefinem suas práticas e pensamentos,

(...) não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura (...) (*Ibidem*, p. 182).

O fundamental para nossa análise neste trabalho, é que as análises teóricas thompsonianas são capazes de explicar a observação que Carlos Fonseca faz a respeito das classe trabalhadoras nicaraguenses, principalmente por conta de duas especificações sobre a categoria da experiência como método de análise. São elas: a) experiência vivida e; b) experiência percebida. A primeira consiste nas experiências experimentadas no real, na concretude, que se esbarram com a segunda, que seria o desenvolvimento da consciência social, seguindo a análise de Marx que o conceito de classes trabalhadoras envolve a consciência de classe, e classe como sujeito social coletivo, com potencial de transformar verdadeiramente a sociedade. Dessa forma, compreende-se que mesmo os valores dos trabalhadores sendo atravessados pela ideologia dominante, Thompson afirma que a categoria experiência é apropriada e concisa para expor a capacidade dos próprios trabalhadores de romperem com condições impostas. Essa construção da identidade e a afirmação da tomada de consciência, permite as classes trabalhadoras assumirem a característica primordial para o enfrentamento das formas de subordinação que são impostas a elas.

Portanto, compreendemos que o desenvolvimento da consciência de classe gera o delineamento da cultura de classe, processo que não se dá de forma mecânica e sim conjunta e dialética, principalmente pelo pensamento de Marx, de que a consciência social é determinada pelo ser social<sup>30</sup>, e que nas análises de Fonseca, essa consciência advém das experiências. Assim, através de sua percepção moldada pela lente do materialismo histórico-dialético, é possível compreender a análise das experiências reais das classes trabalhadoras nicaraguenses, seu autorreconhecimento e a formação de sua consciência de classe. Consequentemente, a construção e expressão práticas de sua

---

<sup>30</sup> Ver mais em: MARX, Karl. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas* (1845-1846). Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

cultura política, o que possibilitou, por exemplo, a participação ativa dos trabalhadores na Revolução Popular Nicaraguense.

Tais análises se tornam fundamentais ao trabalharmos o pensamento de Carlos Fonseca como intelectual, pois ele entende que o curso histórico e a evolução do patamar político das classes trabalhadoras permitem o desenvolvimento e amadurecimento de sua consciência e sua percepção acerca de sua posição nas relações de produção. Com isso se organizam movimentos de disputa da hegemonia. Os trabalhadores, desde a identificação de sua posição de subordinação, não agiram de forma passiva, apesar de se apresentarem pequenos setores dispostos à não militarização e a tentativas de diálogo e conciliação com a burguesia, latifundiários, Estado e empresariado. Porém a tradição de luta dos trabalhadores, incorporando-se a sua cultura e arsenal de valores, se deu de tal forma a perpassar inclusive a questão do trabalho, pois

Longe da América Central, os telespectadores estavam chocados com a brutal violência do governo de Somoza e da Guarda Nacional e impressionados com a imagem de gente comum – estudantes, donas de casa, trabalhadores – enfrentando os tanques do governo com barricadas de paralelepípedos e bombas caseiras. A maioria dos participantes dos levantes urbanos e rurais do início do 1979 era oriunda das classes populares (...) (ZIMMERMANN, 2012, p. 9).

E a participação massiva das classes populares de modo geral, foi possível de ser concretizada justamente pelo movimento de tomada de *consciência*. Para ampliar esta análise de classe e consciência, utilizamos premissas centrais trabalhadas por Marx sobre o ponto de transição de “classe em si” para “classe para si”, dentro das questões intrínsecas ao capitalismo <sup>31</sup>. A consciência em si e conseqüentemente a tomada de consciência são decorrentes de seguimentos sociais e históricos. Ela se processa de forma

---

<sup>31</sup> Acredito ser importante firmar que dentro das análises e estudos marxistas, quando tratamos as questões sobre consciência de classe, as expressões da cultura política – neste caso das classes trabalhadoras – não podem ser observadas sob uma ótica subjetivista ou idealista, pois o recorte é sempre a utilização do materialismo histórico-dialético.

dialética, através da categoria da experiência, citada anteriormente, ou seja, da realidade da “classe em si” nas relações sociais de produção, gerando a experiência percebida, ou seja, a percepção consciente dessas experimentações. A consciência qualifica o ser social como um ser pensante, que possui a capacidade humana de se apossar de forma consciente de uma realidade social, tendo a amplitude de gerar uma reflexão sobre tal realidade e agindo de modo também consciente para modificá-la.

A consciência se incumbe de um papel fundamental para a formação dessa realidade social. E a consciência “para si”, resultado também da categoria de experiência vivida, demarca o surgimento do ser social. Ao assumir “para si” a realidade social, os trabalhadores são agentes de construção dessa realidade, produzindo sentido para ela, para as relações sociais e para a natureza. Portanto, a tomada de consciência fundamenta o advento da realidade que não é mais guiada por forças da natureza, demarca a passagem do ser natural para o ser social, permitindo inclusive, que das condições objetivas se construam ações coletivas.

É por esse ponto crucial que a consciência deve ser entendida como algo concreto, mesmo não sendo palpável. Não se trata em momento nenhum de um pensamento idealista e irreal, pois a consciência “é responsável por produzir coisas a partir do que está posto, gerar o novo, transformar a natureza e interferir diretamente sobre a realidade” (FILHO, 2010, p. 35). Marx e Friedrich Engels já enxergavam um movimento da consciência, principalmente por conta da dinâmica dos eventos históricos. Logo, a consciência permite que a realidade da classe “para si” produza e reproduza aspectos da realidade da classe “em si”, através de uma ação consciente.

O acúmulo das experiências e aprofundamento do debate político permitiu aos trabalhadores enxergarem de fato o movimento da luta de classes. Fonseca era um grande

defensor do amadurecimento político dos trabalhadores, pois ele entendia que não bastaria somente armar um camponês, ou um trabalhador urbano, ou até mesmo um estudante, e sim era fundamental fazer esses setores entenderem a origem e o motivo de sua própria luta, pois realizar a organização prática sem estabelecer o estudo e desenvolvimentos teóricos era inimaginável para ele. Carlos Fonseca entendia que o processo de consolidação das classes trabalhadoras como agentes ativos revolucionários e o desenvolvimento de sua consciência de classe dependia da mobilização dos sandinistas para levar organicidade aos trabalhadores em torno da construção da revolução.

Na sua análise, classe era, e ainda é, uma categoria dotada de vida histórica, com total validade analítica para sua realidade e com potencial de transformação social quando pensamos nos trabalhadores. Por isso enxergamos a necessidade de resgatar o pensamento deste importante agente de construção da Revolução Popular Sandinista para analisar a atuação da classe. Portanto, podemos observar que a Revolução Nicaraguense obteve massiva participação dos trabalhadores do campo e da cidade, e foi um resultado da *experiência* nacional do povo daquele país, de sua historicidade e demonstração prática do conjunto de tradições, valores e da cultura política da população.

### **3. Capítulo II – Carlos Fonseca: o desenvolvimento de um intelectual dirigente**

#### **3.1 Juventude e primeiros contatos com movimentos políticos**

Carlos Fonseca <sup>32</sup> nasceu no bairro El Laborío em Matagalpa, cidade da Nicarágua, em 23 de junho de 1936, filho de Justina Fonseca, uma mulher da zona rural que trabalhava como cozinheira, lavadeira e criava seus filhos sozinha. Na infância e ao longo de sua vida, Fonseca se deparou com violentos contrastes: o lado que ocupavam os Estados Unidos e sua política imperialista juntamente com os Somoza, os cafeicultores e grandes comerciantes; e o lado dos trabalhadores do campo, de origem indígena em sua maioria. Essas contradições se apresentavam, inclusive, no seio de sua própria família. Enquanto Fonseca morava com sua mãe e seus quatro irmãos em um casebre no quintal de uma tia, seu pai, Fausto Amador, que era contador de uma mina que pertencia aos norte-americanos, morava em uma mansão com sua outra família. Essas situações opostas e o choque de realidades acompanharam Fonseca durante seu crescimento e consequentemente, seu desenvolvimento político-ideológico.

Sempre muito estudioso e dono das melhores notas enquanto estudante de nível secundário no início da década de 1950, Fonseca foi se inserindo em grupos opositores ao governo da família Somoza, enxergando as facetas dos inimigos de sua classe e desenvolvendo seus estudos. Participou da greve do Instituto Matagalpino que exigia a retirada de uma medalha, que representava o ditador e ex-presidente Somoza García, da Universidade de León. Em um trabalho final da escola, ele já demonstrava claramente sua compreensão sobre a luta de classes um determinado nível de consciência, proveniente de suas experiências, quando escreveu

É necessário que os proprietários dos instrumentos de produção sejam os proletários. Então, para que isso aconteça, será preciso tomar a propriedade dos capitalistas? Sim, será necessário expropriá-la. Que importa provocar o sofrimento de uns poucos que sempre viveram fartamente à custa da exploração do trabalho proletário? O povo tem um ditado que diz: ‘O único

---

<sup>32</sup> Muitos autores, ao escreverem sobre Carlos Fonseca, utilizam também o sobrenome “Amador”, que seria proveniente de seu pai. Aqui, escolhi não utilizar, pois além de sua relação com seu pai – que era um burguês, de família endinheirada, e fiel opositor da luta que Fonseca travou durante toda sua vida, e pela qual deixou seu legado – ser completamente distante, o próprio Fonseca não utilizava o sobrenome paterno, preferindo honrar apenas a origem de sua mãe.

jeito de ficar rico é tornar-se ladrão.’ E o povo diz isso não porque algum demagogo comunista o tenha convencido. O povo fala assim porque sabe que os fazendeiros temem ir a suas fazendas com medo de que os camponeses que roubaram atirem neles (FONSECA, Carlos, 1955 *apud*. ZIMMERMANN, 2012, p. 68).

Ele se aproximou da União Nacional de Ação Popular (UNAP), organização que buscava congregiar jovens que não pertenciam a nenhum partido político, que rapidamente se dissolve e funda o Partido de Renovação Nacional (PRN). A RE tentou integrar os grupos de oposição que não ficaram satisfeitos com os partidos tradicionais. Porém, não chegou a se descolar dos métodos de atividade destes partidos reacionários, e não se vinculou com as camadas mais sofridas da população para movimentá-las em favor da libertação nacional.

Sobre essa passagem, Fonseca disse

Eu tinha entusiasmo político e queria a melhora da Nicarágua e me fiz membro da UNAP e até cheguei a me relacionar pessoalmente com o secretário... Mas o entusiasmo que eu tinha se esfumou quando vi que seus dirigentes eram uns meninos ‘engomadinhos’ nos quais não se via que tinham sofrido jamais a miséria do povo... Sofri uma grande desilusão (FONSECA, 1956) <sup>33</sup>.

Em 1954, juntamente com outros companheiros, Fonseca funda a revista *Segovia*, e no mesmo período conhece Marco Altamirano, quem o leva para um grupo de estudos no qual liam obras fundamentais na formação intelectual de Fonseca, como *O Manifesto do Partido Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels. Já na Universidade, Carlos Fonseca se aproximou de movimentos como o Partido Socialista Nicaraguense (PSN) – que foi como ficou conhecido o antigo Partido Comunista da Nicarágua, que em análise posterior

---

<sup>33</sup> Declaração de Fonseca em 27 de setembro de 1956. Cronologia básica de Carlos Fonseca realizada pelo Instituto de Estudo do Sandinismo. Disponível em: <https://memoriasdelaluchasandinista.org/media/textos/55.textos.pdf> p. 432. Acesso em 25 ago 2021. A UNAP chegou a ter em sua direção elementos da extrema direita, o que causou uma divisão e os membros mais a esquerda fundaram o Partido Renovação Nacional em 1953, que não cresceu por falta de diálogo e aproximação com as pessoas da cidade e do campo.

concluiu que na realidade o partido flertava com discursos recuados e quiçá reacionários<sup>34</sup> – e se debruçou sobre conhecimentos mais teóricos. Com seu amadurecimento intelectual veio a construção crítica acerca dos grupos que se mascaravam de oposição, mas que condenavam quaisquer ações mais contundentes de enfrentamento ao governo.

### **3.2 O amadurecimento intelectual e suas percepções**

Em 1957, já formado na Faculdade de Direito, Fonseca foi à Moscou ainda como membro do PSN para participar do V Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes e do Congresso de Kiev. Ressaltou o relato de um jovem húngaro que havia conhecido, onde agradeceu aos soviéticos pela ajuda na luta contra a tentativa dos fascistas de tomar o poder na Hungria, no levante húngaro de 1956. Deslumbrou-se com o socialismo e avanços técnicos e sociais soviéticos, acreditando que o socialismo russo seria o caminho para tirar os países semicoloniais do atraso imposto e cessar as desigualdades sociais. Foi extremamente podado e cerceado pela direção do PSN quando propôs alternativas mais radicais para alcançar esse objetivo. Uma série de acontecimentos e lutas ocorreram no ano de 1958 e mesmo com os grandes esforços de Carlos Fonseca, ele se via cada vez mais ignorado e distante da direção do Partido. Esforçava-se em unir a luta dos estudantes secundaristas e universitários com a luta dos trabalhadores, e se inclinava cada vez mais, assim como outros jovens da Nicarágua e da América Latina em geral, para os acontecimentos de Cuba com crescente entusiasmo.

Ao retornar de Moscou, começou a produzir a obra *Um Nicaraguense em Moscou*, em 1958. Neste período Fonseca ainda concordava com as perspectivas políticas do PSN

---

<sup>34</sup> Fonseca não os considerava marxistas e chamou posteriormente os membros do Partido de “browderistas”, numa referência a Earl Browder, um norte-americano que defendia a aliança dos comunistas em “frentes populares” ao lado da burguesia. Ver mais em: ZIMMERMANN, 2012, p. 56.

e via como tarefa internacional dos comunistas nicaraguenses defender os interesses diplomáticos dos estados socialistas, primeiramente a URSS, e como tarefa interna organizar-se em torno de reivindicações econômicas e reformas democráticas. A vitória dos venezuelanos contra a ditadura de Pérez Jiménez e Pedro Estrada em 1958, produziu entusiasmo e esperança aos nicaraguenses, principalmente entre os jovens estudantes, que a partir deste mesmo ano, encabeçaram a luta antissomozista.

Porém, o massacre de El Chaparral, caracterizado pela repressão contra uma ação guerrilheira na fronteira do território de Honduras com a Nicarágua em 24 de junho de 1959, foi um marco importante na trajetória política de Fonseca. Foi por volta deste período que ele efetivamente começou a estudar sobre Sandino durante sua recuperação em Cuba, após ter sido baleado e quase morrer neste episódio <sup>35</sup>. Ao mesmo tempo em que o triunfo do povo cubano faz surgir uma nova esperança para a Nicarágua. Mesmo a revolução não estando no horizonte da Nicarágua e nem do PSN nesta época, a vitória dos revolucionários cubanos convenceu Carlos Fonseca de que a transformação política, social e econômica não somente era necessária como possível, e que seria fundamental uma nova organização para conduzi-la. Os sacrifícios e ações efetivas que poderiam desencadear em um resultado de derrota da ditadura, não poderia vir de pessoas ligadas às forças econômicas que compartilham parte considerável, juntamente com o governo, a exploração do povo.

Fonseca compreendia que o momento por ele vivido era de acirramento da luta de classes. A Nicarágua era um território estratégico para a política estadunidense no contexto de disputa política da Guerra Fria. Seu território tinha importantes canais marítimos e um solo fértil para a produção de matérias primas. Somado aos pontos que

---

<sup>35</sup> Ainda que o episódio de El Chaparral seja lembrado como um massacre, representou um divisor de águas importante, deixando evidente que a juventude estava disposta a encarar os sacrifícios daquela luta.

tornavam o país atraente ao imperialismo, “havia um grande obscurantismo ideológico” que imobilizava qualquer reação popular (FONSECA, 1984, p. 9).

Expor tais questões era fundamental para que a classe trabalhadora saísse da incipiência da luta contra a máquina imperialista, pois a luta pela libertação nacional não era somente uma questão política. Também era necessário pelo fato dos partidos da ordem burguesa, os conservadores e liberais independentes, não representarem nenhum tipo de possibilidade de transformação social para as classes exploradas. Ainda assim, os conservadores atraíram parte da pequena burguesia e do campesinato. Aparentemente, almejavam derrotar Somoza apenas para substituí-lo em suas qualidades como os principais latifundiários e ricos do país. Sustentavam a necessidade de se manter a estrutura militar da Guarda Nacional para manter a paz e garantir a estabilidade democrática do país. Isso levou a crer que caso os conservadores viessem a assumir a Nicarágua, seriam contrários à modificação do exército e seguiriam utilizando-o para defender seus próprios interesses, o que quase levou a sua liquidação no seio do povo.

Para além do PC e do PLI, surgiram outros partidos que pouco tiveram relevância na conjuntura política. Como por exemplo, o Partido Social Cristão Nicaraguense (PSCN) criado em 1957 por nicaraguenses que voltavam ao país, vindo de locais em que partidos deste tipo estavam em forte desenvolvimento. Demonstrou-se mais avançado politicamente que os conservadores e o PLI, mas ainda assim não desenvolveu ampla participação nas camadas desfavorecidas da população carência de métodos adequados. Também o Partido Mobilização Republicana (PMR), que adotou uma posição anti-imperialista em suas colocações teóricas, propagou a reforma agrária, defendeu a liberdade política dos partidos e a transformação do exército. Porém na prática, a atitude errônea e vacilante de alguns dirigentes impediu que essas ideias se consolidassem.

Apesar de múltiplos, esses movimentos opositores não consolidaram nenhuma política que vislumbrasse a verdadeira emancipação dos trabalhadores. O objetivo de Fonseca, que os enxergava como principais personagens ativos no percurso da revolução, era dar fim à sociedade de classes. Desenvolver junto desses trabalhadores, operários e camponeses, a independência nacional e retomar os recursos e as terras que foram violentamente arrancados, tendo como bússola os princípios do marxismo. Para que isso se concretizasse, era necessário traçar o caminho do desdobramento político dos trabalhadores para sua efetiva participação na prática revolucionária e claramente uma série de deficiências políticas e militares deveriam ser superadas, sendo a unidade o ponto principal para o progresso e conseqüente sucesso das ações revolucionárias.

E em termos de construção do processo revolucionário, acreditamos ser importante levantar o debate sobre a caracterização da violência. Para Carlos Fonseca, a violência revolucionária era uma questão crucial a ser trabalhada no caminho pelo resgate da soberania nacional. Apesar de Fonseca e posteriormente a Frente Sandinista como um todo beberem da fonte dos revolucionários cubanos, enquanto os guerrilheiros ainda lutavam em Sierra Maestra, já repercutiam algumas batalhas na Nicarágua. Inclusive diversos levantes armados ocorreram contra Somoza por parte do Partido Conservador e do Partido Liberal Independente, porém, não possuíam caráter efetivamente revolucionário e popular em sua essência, buscando apenas derrubar Somoza para colocar em seu lugar seus próprios líderes partidários. E o apoio dos cubanos aos reformistas foi negado tanto por Fidel Castro quanto por Che Guevara, que apesar de não serem muito familiarizados com a oposição nicaraguense, entendiam Augusto Sandino como um herói e repudiavam a ditadura somozista por sua relação com o imperialismo estadunidense seguindo a perspectiva de solidariedade latino-americana dos povos em luta.

Os anos de 1958 e 1959 se tornaram ponta de lança para a organização de oposição do povo nicaraguense frente ao imperialismo estadunidense materializado na ditadura implementada pela família Somoza na Nicarágua desde a primeira metade do século XX. Os estudantes universitários conquistaram sua autonomia e organizaram a primeira greve nacional estudantil, assim como os estudantes secundaristas que organizaram seu primeiro congresso. No ano de 1958, a Universidade Nacional conquistou sua autonomia universitária e os estudantes organizaram a primeira greve nacional dos estudantes de toda história do país (Zimmermann, 2006). Essa ebulição estudantil se deu principalmente, em caráter de inspiração internacional, pela vitória dos guerrilheiros cubanos em 1959, gerando a proliferação de grupos radicais no seio dos estudantes “entre 1959 e 1960: a Juventude Democrática Nicaraguense (JDN), ligada ao Partido Comunista, a Juventude Revolucionária Nicaraguense (JRN) e a Juventude Patriótica Nicaraguense (JPN)” (*Ibidem*, p. 45).

A oposição crescia em todos os setores, não somente contra o seio do imperialismo em si, mas também contra seus representantes: o governo nicaraguense e a burguesia local. Trabalhadores portuários se organizaram em greve, assim como os indígenas – povos originários que tiveram sua identidade e formação política e cultural ameaçada e atacada desde a época colonial e que forçadamente acabaram dispersando-se – que lutavam pelo direito à terra e atuaram para retomar essas terras em larga escala. Essa organização dos trabalhadores frente aos avanços do capital e aos ataques de seus braços políticos na Nicarágua, tanto através do governo quanto das ações dos latifundiários, se caracterizou como uma resposta ao fator que marxista martinicano Frantz Fanon já havia explicitado

O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das forças da

ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado (FANON, 1965, p. 28)<sup>36</sup>.

Diante dessas práticas, o horizonte que se tornou possível como resultado do amadurecimento político da classe trabalhadora e de sua inserção em, ou colaboração com, organizações revolucionárias independentes, proporcionou o levantamento popular guerrilheiro armado contra o imperialismo, que se define como a “violência em estado bruto e só pode inclinar-se diante de uma violência maior.” (*Ibidem*, p. 46). É nesse momento que Carlos Fonseca rompe com o PSN, por considerar nula qualquer possibilidade do Partido encabeçar a luta armada. Sobre isso, Zimmermann nos diz

Foi dito algumas vezes que a razão pela qual Fonseca e seus seguidores romperam com o PSN foi o compromisso dos jovens revolucionários com a luta armada. *Mas isso simplifica demais a questão*. O uso da violência para resolver as disputas ou remover um presidente fazia parte da *cultura política* da Nicarágua. Muito antes que a FSLN ou o PSN fossem formados, grupos e partidos de todo o espectro político aceitavam a luta armada em princípio e a empregavam na prática (ZIMMERMANN, 2012, p. 111, grifos nossos).

E a autora segue

Tempos depois, Fonseca analisaria a ruptura com o PSN como causada não só pelo tema da violência revolucionária, mas também pelos diferentes objetivos sustentados por ambas as organizações, pela orientação para classes sociais distintas e mesmo por conta de um conceito diferente de internacionalismo (*Ibidem*, p. 113-114).

Logo, o caminho da luta contra a violência reacionária do imperialismo sobre territórios que eram subordinados se desenhou principalmente pela atuação de organizações de luta construídas nestes territórios, como a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), formada no início dos anos 1960, que pretendia ser a organização impulsionadora da construção de um movimento revolucionário, e também

---

<sup>36</sup> Fanon destaca também que o sistema colonial é um sistema maniqueísta. E essa lógica, em seu fim, desumaniza o colonizado, transformando-o em mero objeto de reprodução de capital e produção de mais valor. O colono se configura então como um prolongamento da metrópole.

a Frente de Libertação Nacional da Argélia e o Partido Africano de Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde (PAIGC), por exemplo.

Estes movimentos se concretizaram através da formação política em primeiro momento dos próprios dirigentes destes grupos e posteriormente de seus membros, abraçando conseqüentemente e necessariamente da classe trabalhadora em geral. Para dirigentes políticos como Fonseca, a luta não deveria se limitar ou cessar com a derrubada do governo local, mas sim com a aniquilação da máquina gestora da opressão sobre a classe, o capitalismo <sup>37</sup> em sua fase imperialista. E para que para isso se tornasse uma realidade, deveria ser percorrido um caminho de consolidação política da classe trabalhadora que geraria um cenário mais sólido para se estabelecer o debate e a prática revolucionária, negando os argumentos do determinismo histórico.

### **3.3 A formação e desenvolvimento político da Frente Sandinista de Libertação Nacional**

Pelo aprimoramento de seus ideais baseados no materialismo histórico-dialético Carlos Fonseca rompeu com o PSN, também por conta de uma divergência clara entre suas perspectivas marxistas e a política do Partido, para traçar caminhos que ele considerou verdadeiramente revolucionários. Com o crescimento da insatisfação do povo com a ditadura e a presença de alguns movimentos ainda muito embrionários, surgiu em 1961 o Movimento Nova Nicarágua (MNN), fundado por Carlos Fonseca, Tomás Borge e Silvio Mayorga, junto com alguns trabalhadores e antigos membros do EDSN. Pouco

---

<sup>37</sup> O pensamento de Fanon se desenvolve, em sua totalidade, através da análise do materialismo histórico-dialético unindo a teoria e ações práticas como ferramenta fundamental para o processo da descolonização. Igualmente, Fonseca estabeleceu a conexão entre teoria e prática com a ideologia marxista

tempo depois, o nome do grupo mudou para Frente de Libertação Nacional, inspirada no “grupo armado que derrubara o colonialismo francês na Argélia” (ZIMMERMANN, 2006, p. 46).

Porém, como Fonseca já havia se tornado um grande estudioso da história de seu país e admirador da luta de Sandino, destacou sua importância na retirada dos soldados norte-americanos, os *marines*, do território nicaraguense e como ele e o EDSN representaram de forma heroica os povos em luta que foram e eram subjugados pelos Estados Unidos. Com isso, insistentemente defendeu que fosse incorporada a característica sandinista não somente no nome, mas na trajetória política e atuação prática dos membros da Frente, expandindo a todos os nicaraguenses. A partir de então, a organização passou a se chamar Frente Sandinista de Libertação Nacional. A Frente Sandinista se desenvolveu então como ferramenta para aglutinar os trabalhadores do campo, da cidade e setores revolucionários do movimento estudantil sob a direção majoritária de intelectuais orgânicos.

Os sandinistas combateram tentativas do presidente Somoza de controlar os núcleos de oposição que foram se criando nas universidades, principalmente através da Frente Estudantil Revolucionária (FER). E em pouco tempo, o radicalismo estudantil dominou os âmbitos universitários. A FSLN então se destacou como fresta de luz na escuridão implementada pelas classes dominantes. A principal preocupação dos sandinistas era organizar praticamente, dentro de demarcações táticas e estratégicas, a atuação da população explorada da Nicarágua contra o imperialismo e o governo local, com a finalidade de estabelecer um verdadeiro movimento de libertação. Carlos Fonseca, que era principal porta-voz da Frente, declarou em seu texto *Síntesis de algunos problemas actuales* a perspectiva básica de atuação da FSLN

Não é nossa tarefa descobrir as leis universais que levam à transformação de uma sociedade capitalista em uma sociedade de homens e mulheres livres; nosso modesto papel é o de *aplicar* estas leis já descobertas à situação de nosso país (FONSECA, 1981, p. 98-99, grifos do autor, tradução nossa).

Destacamos que no trecho acima podemos observar a bagagem marxista de Fonseca, pois se assemelha ao que Marx escreveu na Tese Onze sobre Feuerbach, “os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p. 535, grifos do autor). Conseqüentemente, a Frente e o PSN então desenvolveram linhas filosóficas/ideológicas distintas, e os membros do Partido acusaram os sandinistas de serem aventureiros e suicidas. Fonseca então teceu fortes críticas aos membros do PSN

Ele [Carlos Fonseca], na realidade, sempre assegurou que os dirigentes do partido pró-soviético eram “falsos marxistas”, e que era a sua organização a que estabelecia uma continuidade histórica com Marx, Lenin e a Revolução Russa. Em uma entrevista de 1970, insistiu: “para o camponês da montanha, para o pobre das periferias, para o estudante dos povoados afastados, os revolucionários, os rebeldes, os comunistas são os membros da Frente Sandinista, ainda que em algumas reuniões internacionais em outro continente não nos seja reconhecida, contra toda razão, esta legítima qualificação (ZIMMERMANN, 2012, p. 114).

Ainda a respeito desta maturidade de Fonseca, Zimmermann diz

As ideias de Carlos Fonseca mudaram e se desenvolveram ao longo do tempo, sob a influência de sua experiência pessoal e familiar, da observação da realidade de Matagalpa e, posteriormente, do resto da Nicarágua, das posições das organizações a que pertenceu, de seu estudo da história, das discussões e debates com seus contemporâneos e dos grandes eventos nacionais e mundiais. Ele passou por um processo de experimentação, buscando o Partido Comunista por um tempo, antes de repudiar seu enfoque como demasiado conservador, por exemplo (*Ibidem*, p. 106).

Com o passar do tempo, a FSLN foi ajustando sua forma de execução das tarefas revolucionárias. Fez algumas ações mais incisivas, como o assalto à Radio Mundial de Manágua, para condenar os mandatários centro americanos por uma reunião com o

presidente estadunidense John Kennedy. Realizou também ações guerrilheiras nas montanhas entre os rios Coco e Bocay, localizados no departamento de Jinotega, norte da Nicarágua (anexo 1) em 1963, organizado a partir de Honduras. Essa ação foi tida como fracassada, muitos guerrilheiros morreram assassinados por tropas governistas e a Frente deu um passo para trás para focar no trabalho aberto entre as camadas rurais e urbanas.

Após esse revezes, enxergando a necessidade de estabelecer um olhar mais crítico e assertivo acerca das movimentações revolucionárias em torno da luta contra a ditadura somozista e a busca pela libertação nacional, Carlos Fonseca escreveu diversas cartas e documentos políticos, tanto em seu período de atividade, quanto em suas prisões ou exílios, por vislumbrar a necessidade de formação teórico-metodológica da organização sandinista que estava florescendo, não somente para concretizar o processo revolucionário, mas para formar politicamente não só os membros da FSLN como toda a população. Por essas razões, Fonseca foi admirado por sua capacidade de elaborar e elencar os pontos fundamentais para o fortalecimento político dos nicaraguenses,

Carlos emprega muito bem elementos essenciais – ações combativas, conjunturas políticas, manifestos, solidariedade internacional etc. –, tudo o que de acordo com sua visão penetrante integrava uma porção dialética indispensável para compreender a gestão sandinista e extrair seus ensinamentos (ROMÁN, 1984, p. V, tradução nossa).

Assim, Fonseca e os membros da Frente Sandinista conquistaram o apoio popular, por se mostrarem uma alternativa viável e efetiva na luta contra as formas de opressão. Para ele a FSLN seria um instrumento de luta que daria continuidade ao passado e resgataria o fio condutor histórico abandonado nos anos 1930. Mesmo que as ideias marxistas revolucionárias tenham chegado tarde à Nicarágua, Fonseca considerava que o povo nicaraguense possuía tradições de rebeldia capaz de abalar as estruturas da classe

capitalista nacional. Para ele, uma das lições da Revolução Cubana era a necessidade de romper com a postura moderada dos partidos marxistas pró-Moscou.

### **3.4 A disputa pela hegemonia dos projetos políticos**

A Frente Sandinista de Libertação Nacional foi produto de dois principais fatores: a necessidade de um processo revolucionário consequente na Nicarágua e o surgimento de diversas frentes de libertação nacional na América Latina. Para os que compunham a direção da FSLN, a organização surgiu pelas “necessidades do povo nicaraguense de ter uma organização de vanguarda capaz de alcançar através da luta frontal contra seus inimigos, a tomada do poder político e o estabelecimento de um sistema social que liquide a exploração e a miséria”<sup>38</sup>. Porém, com o crescimento da Frente pelo ingresso de novos membros, surgiram divergências em pontos cruciais na construção deste caminho revolucionário, principalmente em torno da estratégia que seria adotada coletivamente pelos sandinistas, ou seja, a disputa pela hegemonia da condução do projeto político.

Dentre estas discussões, elencaram-se primeiramente os seguintes pontos: 1) se a Frente Sandinista seria uma organização político militar ou se deveria conformar-se como Partido Político, como, na prática, já estava sendo<sup>39</sup>; 2) se a base principal de trabalho político deveria continuar sendo os trabalhadores rurais ou se deveria deslocar-se para os trabalhadores urbanos e por quê. Com isso, surgiram três grupos, chamados de Tendências, que disputaram internamente o delineamento das formas de lutas a serem

---

<sup>38</sup> Ver mais em: FSLN, Programa Histórico, 1969, p. 3.

<sup>39</sup> Nesse sentido, compreendemos Partido como órgão capaz de gestar, propor e articular um projeto de sociedade que supere as relações sociais de produção vigentes, assumindo como primeiro passo a fundação de um novo tipo de Estado. Dessa forma, podemos dizer que a FSLN se caracterizou como espaço para construção da hegemonia das classes subalternas nas sociedades de tipo ocidental, atuando como organismo com a presença das massas, articulador dos grupos sociais urbanos e camponeses.

adotadas e, conseqüentemente, a direção do movimento sandinista e se converteram em “três frações públicas” (HELLMUND, 2013, p. 153, tradução nossa).

Desde sua formação até 1970, a estratégia política que guiava a Frente era a Guerra Prolongada, que mais tarde foi defendida pelos membros da Tendência da Guerra Popular Prolongada (TGPP), fundamentada na leitura da obra *Sobre A Guerra Prolongada*, de Mao Tse Tung acerca da resistência anti-japonesa, como texto para conformar a base da teoria revolucionária para a participação das massas no processo <sup>40</sup>, e “o texto de Mao planteou a tese da guerra de resistência, para refutar as teorias da subjugação nacional e a vitória rápida” (MONROY-GARCÍA, 2015, p. 59, tradução nossa). Os sandinistas enxergavam naquele momento a repercussão das características semicoloniais que os EUA impunham sobre a Nicarágua e traçaram a ideia de que era importante não se entender em desvantagem. Sobre isso, tiveram como base as palavras do presidente chinês

O inimigo é forte e nós somos débeis; e nisso reside o perigo que sejamos subjugados, mas ao mesmo tempo, o inimigo tem seus pontos débeis, e nós, nossas vantagens. Com nossos esforços a vantagem do inimigo pode ser reduzida, e seus defeitos agravados (TSE TUNG, 1972, p. 136 *apud* MONROY-GARCÍA, 2015, p. 59, tradução nossa).

Com a disseminação da teoria da Guerra Popular Prolongada entre alguns membros da Direção Nacional, se estabeleceu o discurso de que o setor populacional fundamental para a eclosão da revolução seria o composto pelos trabalhadores do campo. Esta Tendência afirmava que o fato de a Nicarágua ser uma sociedade majoritariamente agrária, o processo revolucionário seria vitorioso com a articulação dos camponeses, pois argumentavam que os movimentos urbanos ainda eram extremamente debilitados, enquanto o campo já estava em um patamar avançado não somente de consciência mas

---

<sup>40</sup> Apesar dos sandinistas da Tendência da Guerra Popular Prolongada terem adotado a leitura teórica e pautado a estratégia de Tse Tung para fundamentar sua base analítica, não existem bases sólidas que nos permitam afirmar que eles eram e se denominavam maoístas. Fazer essa afirmação configuraria um equívoco.

de organização. A cidade, porém, não estava excluída da participação revolucionária e teria papel de fornecer à luta do campo quadros políticos mais desenvolvidos. Acreditavam que o inimigo imediato a ser combatido era o imperialismo estadunidense, não somente a ditadura somozista, e afirmavam que a questão implementada na Nicarágua era resultado da atuação do capitalismo mundial. Logo, era necessária uma preparação a longo prazo para alcançar a destruição da ordem burguesa, assumindo perspectivas socialistas.

Além disso, acreditavam que a montanha gerava uma disciplina militante, evitando desvios como o diversionismo, que caracterizavam por pensamentos que fugiam da ótica marxista-leninista. Com isso, os membros da TGPP reforçavam a importância da montanha como caminho de possibilidade da construção da nova sociedade e de onde emergiria a vontade das massas. Com essa perspectiva, os membros da TGPP entendiam que a luta deveria avançar para além do território nacional, assumindo assim, características internacionalistas.

No início da década de 1970, a Guarda Nacional dos Somoza iniciou uma agressiva repressão nas zonas montanhosas, agindo violentamente contra a população campesina, onde se concentravam as atividades da FSLN até então. Com isso, os sandinistas foram obrigados a iniciar uma ação de autodefesa, sofrendo algumas baixas por deserção ou traição. Essa necessidade de breve recuo gerou algumas discussões entre os membros da Frente sobre “o papel da montanha em contraposição ao da cidade, o potencial revolucionário do campesinato em oposição ao da classe operária e a importância da luta armada” (MONROY-GARCÍA, p. 80, tradução nossa).

Esses questionamentos levaram a criação da primeira cisão interna, levada a cabo pela Tendência Proletária (TP) – apesar da TGPP já existir dentro da FSLN, só se caracterizou como tendência após o surgimento da TP, ou seja, essa cisão foi o marco que

definiu a nomenclatura dos grupos em disputa –, que se denominava marxista leninista ortodoxa, tendo grande adesão de militantes católicos <sup>41</sup>. Jaime Wheelock, principal personagem dessa Tendência, sustentou sobre a análise econômica, que a estrutura agrária não existia mais na Nicarágua desde meados do século XIX, e que “o capitalismo penetrou no país com o cultivo do café para a exportação” dando início a “dependência econômica, a consequência da divisão internacional do trabalho e a incorporação ao mercado capitalista mundial” (*Ibidem*, p. 84, tradução nossa). Ele não analisou que somente determinadas regiões da Nicarágua foram incorporadas a divisão do trabalho, com o restante do país não inserido no capitalismo internacional <sup>42</sup>.

Sobre a perspectiva política, A TP defendeu que a organização da FSLN deveria se dar explicitamente como partido político com braço armado e começou a se dedicar a organizar os setores do proletariado urbano, os camponeses das áreas rurais ao redor da cidade, a organizar outros grupos políticos e adotou para a Frente Sandinista em geral essa formação sob a tese de que o movimento de massas era o fundamental para o enfrentamento da ditadura.

Além disso, nos diz Monroy-García (2015, p. 87)

Como a ditadura militar era considerada o principal inimigo do país, por ser uma instituição protetora do capitalismo e garantir a dependência (...), este postulado proletário diferia com a tese da TGPP, que considerava o imperialismo norte-americano como o principal inimigo, e não tanto a ditadura como tal <sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> Por ser atrelada com membros e discursos da Igreja Católica, a Tendência Proletária, apesar de possuir um discurso recheado de radicalismo, não apresentou uma prática que confluísse com seus argumentos, sendo considerada uma tendência moderada.

<sup>42</sup> Os membros dessa Tendência também entendiam que a partir da intensificação da industrialização pelo aumento das intervenções estrangeiras, sob a política desenvolvimentista da Aliança para o Progresso e do Mercado Comum Centroamericano e da participação de grupos locais no processo econômico, industrial e financeiro, ocorreu a transformação dos camponeses e artesãos em classe operária, a base social do movimento revolucionário.

<sup>43</sup> Tradução nossa.

Ou seja, quem compunha a TP considerava fundamental a luta frontal contra a forma política do sistema de exploração, a saber, a ditadura militar somozista<sup>44</sup>. Não consideravam fortemente qualquer influência que a Revolução Cubana pudesse ter tido sobre a Nicarágua. Defendiam a análise da luta de classes marxista e objetivavam um caminho socialista, baseado no desenvolvimento de órgãos de poder popular que garantissem a inserção das massas nos espaços de governo e tinham grande inserção no trabalho de organização de sindicatos classistas. Essas disputas foram consequência direta da “a importância de formar uma classe dirigente que se mantenha pelo consentimento das massas” (ALVES, 2010, p. 73).

Mesmo com a disputa interna pautada por representantes das frações de classe materializados pelas Tendências, a Frente tentava aglutinar em sua estratégia as massas do campo e da cidade para traçar o caminho da transformação social, política, econômica e cultural. Assumiu a característica de um movimento de “massas” promovendo a possibilidade de mudar qualquer caráter passivo, transformando o indivíduo em coletivo. Estabelecendo como indissociável a relação entre estrutura e superestrutura, foi capaz de estabelecer a interlocução entre os elementos que constituíam sua estrutura: as massas, os grupos sociais (ou frações de classe) e sua direção.

---

<sup>44</sup> A Tendência Proletária também criticava a TGPP acusando-a de praticar aventureirismo guerrilheiro, populismo e de empregar um discurso pseudoreligioso messiânico, o que pode caracterizar que além de divergências políticas, existia uma arena de disputa de influência religiosa dentro da Frente, mesmo que ínfima ou secundária, visto que muitos membros da TP eram católicos.

### 3.5 Nicarágua, base de agressão ianque

Um ponto importante é esclarecer que, mesmo que de forma não homogênea, a direção da Frente Sandinista compreendia a luta contra a ditadura como parte do caminho revolucionário e não o ponto último. Era necessário superar a subjugação imposta pelo imperialismo e romper com o impedimento do desenvolvimento das forças produtivas. As análises dele, semelhante as que prezam pelo materialismo histórico-dialético, englobavam todos os âmbitos sociais, econômicos, políticos e culturais. Ele entendia que a Nicarágua sofria uma ditadura típica dos países oprimidos da América Latina sob um regime semicolonial, que se manifesta especialmente porque a parte fundamental da produção do país está orientada rumo aos mercados estrangeiros e rumo aos Estados Unidos. Porque “a maior parte dos produtos importados formam (são formados de) artigos manufaturados.” (FONSECA, 1961, p. 41, tradução nossa). Subordinada ao imperialismo, sendo a produção da Nicarágua empenhada em satisfazer os interesses do mercado externo. As melhores terras da Nicarágua estavam nas mãos da oligarquia latifundiária. Acreditava que era sempre necessário expor a verdadeira face da ditadura de Somoza, para que se fortalecesse a solidariedade nacional e internacional para com os que lutam bravamente contra a ditadura.

Para isso, elucidou em seus documentos, conhecidos como *Obras*, divididos em Tomos I e II, principais fontes primárias que guiam esta pesquisa, suas percepções, análises e estratégias para despertar a consciência de classe dos trabalhadores para se entenderem enquanto classes exploradas e despertarem sua fúria revolucionária. O Tomo I é composto por um compilado de textos introdutórios, análises histórico-políticas, cartas, declarações e entrevistas, manifestos e proclamações, a referida obra *Um Nicaraguense Em Moscou*, estudos e investigações. E o Tomo II, é composto por um de

seus escritos mais conhecidos *Viva Sandino*, ambos publicados em 1982 pelo Editorial *Nueva Nicaragua*.

Assim, Fonseca se preocupava em fazer entender através de um instrumento prático, o contexto histórico das raízes das lutas que estavam sendo travadas, ou seja, se debruçava sobre o trabalho de desmembrar como se deu a luta de Sandino e de seus companheiros. Para ele, as classes trabalhadoras eram setores fundamentais para o sucesso da revolução sandinista, logo, se dedicou a estudar todo o contexto em que estavam inseridas. Mas as movimentações desorientadas dos trabalhadores não poderiam produzir um resultado efetivo, era necessário inserir em seus pensamentos e práticas toda análise histórica, política, econômica e social em que estavam inseridos os nicaraguenses. Ou seja, despertar a crítica e desenvolvimento de sua consciência através das experiências. Matilde Zimmermann também resume os pontos centrais que Fonseca objetivou e sua percepção sobre o conceito revolução ao dizer que

Sua visão de uma “revolução popular sandinista” incluía a vitória militar sobre a ditadura de Somoza, respaldada pelos Estados Unidos, e uma transformação social para pôr fim à exploração dos trabalhadores e camponeses nicaraguenses. O objetivo de Fonseca era construir um movimento que estivesse profundamente enraizado na realidade material da Nicarágua e em sua tradição de rebeldia, simbolizada por Sandino, ao mesmo tempo em que olhava para Cuba – e, por trás de Cuba, a Revolução Russa – para obter inspiração e sentido do que era possível (ZIMMERMANN, 2012, p. 13).

Fonseca valorizava muito a experiência. Para ele, essa categoria era determinante para qualquer evolução política, descrevendo que sua primeira ação guerrilheira foi o momento que o proporcionou seu maior ensinamento. Porém, insistia que – se opondo sempre aos movimentos espontaneístas e desorganizados e aos discursos do determinismo histórico – o estudo e aprofundamento das teorias marxistas era a chave que juntamente com a análise da realidade guiaria as classes trabalhadoras a alcançarem a derrubada do regime ditatorial como também romper a subordinação imposta pelos Estados Unidos. E

o primeiro passo para isso era retirar o povo nicaraguense da imobilidade, estabelecida pela deficiência de formação de dirigentes políticos, resultado direto de uma certa ignorância imposta à população sobre sua própria história. O objetivo era fazer a classe trabalhadora assumir sua responsabilidade revolucionária.

Ele alertava que o principal pilar de sustentação do governo era a Guarda Nacional. Isso explica a razão por ele sempre defender ações armadas, bem embasadas, organizadas e treinadas para enfrentar o regime. O aumento dos movimentos de oposição se deu proporcional ao crescimento da violência da GN. Diversos massacres contra estudantes e trabalhadores foram lançados pelos Somoza. Verdadeiros crimes políticos aplaudidos pelo Partido Conservador, que mesmo sendo concorrente político do Partido Liberal a qual a família Somoza pertencia, desejava mais ainda o silenciamento do povo. O governo somozista fazia parte da gama de governo reacionários que alimentavam o plano de controle político desde seu surgimento nos anos 1930. E a permanência dos Somoza no governo por tantos anos, teve como um de seus objetivos, ser o centro de conspiração contra os regimes políticos do Caribe que em maior ou menor grau trabalhavam para garantir os direitos de seus respectivos povos.

### **3. 6 Os trabalhadores nas relações sociais de produção**

Carlos Fonseca destacou a importância dos trabalhadores se organizarem contra todas as formas de exploração sobre suas classes. Para esse movimento, ele priorizou em primeiro momento, os trabalhadores do campo, chamados de trabalhadores diretos, classe que historicamente sofria com todos os abusos das classes dominantes subservientes aos interesses do capital estrangeiro. Tanto na época colonial, sob os mandos da Espanha, quanto no século XX pela política de protetorado aos EUA.

Compreendia que esse setor e as guerrilhas nas montanhas eram os caminhos certos da vitória popular, e é inegável portanto, que os trabalhadores do campo sentiam diretamente os efeitos da expansão do capital imperialista. A tática desta expansão era o aprofundamento da supressão das condições de vida a partir da expropriação de suas formas de trabalho e subsistência, com os camponeses sendo sumariamente precarizados. Assim, a efetividade do processo de libertação nacional só seria possível com a superação do estado de desumanidade e destruição do símbolo estruturante do imperialismo em sua totalidade, que se daria através do alinhamento de teoria e prática no decorrer dos movimentos históricos. Para isso, Fonseca compreendeu, como já citado, que as organizações até então existentes não assumiriam o papel de vanguarda, sendo necessária a criação de um novo horizonte.

A principal razão pela qual Fonseca se dedicou a formação da consciência política dos trabalhadores, era porque ele acreditava todos aqueles que compunham as classes trabalhadoras deveriam ser conscientes das demandas que estavam reivindicando. Sem isso, se construiria um projeto vazio. Dentre essas exigências, confirmando o caráter popular que Fonseca defendeu em sua declaração em 1º de maio de 1969<sup>45</sup>, elencavam-se:

1. Aumento de salários a todos os trabalhadores e empregados; diminuição dos preços dos alimentos, remédios e demais artigos de primeira necessidade;
2. Sem mais desperdício/esbanjamento do dinheiro coletado em impostor pelo governo; não mais exploração da prostituição, jogos de azar e demais vícios por parte da Guarda

---

<sup>45</sup> Disponível em <https://memoriasdelaluchasandinista.org/media/textos/33.textos.pdf> Acesso em 16 jun 2021.

- Nacional, GN; não mais contrabando de parte de elementos do governo e da Guarda Nacional, GN; diminuição dos impostos e das tarifas de água, luz esgoto e ornamento;
3. Respeito ao direito dos trabalhadores da cidade e do campo de organizar o movimento sindical para reclamar seus direitos;
  4. Liberdade a patriotas prisioneiros e fim da perseguição e torturas;
  5. Terra e atenção do governo aos camponeses pobres;
  6. Diminuição do aluguel das casas;
  7. Duplicação do orçamento que o governo dedica ao ensino primário, médio, técnico e universitário;
  8. Luta contra a desocupação; reclamar ao governo que empreenda a construção de obras que permitam colocar aqueles que carecem de ocupação;
  9. Instalação de novos hospitais e melhoramento do serviço dos que já funcionam na atualidade;
  10. Atenção urgente à Costa Atlântica e zonas que sofrem maior abandono;
  11. Anulação do tratado Chamorro-Bryan, que entrega o país ao império ianque, contra a utilização da Nicarágua como base de agressão à Cuba e demais povos irmãos;
  12. Contra a falsa integração de Centro América; solidariedade com os povos que como Guatemala, Colômbia, Venezuela e Vietnã empunham armas contra o imperialismo e pela libertação nacional;
  13. Unidade com os verdadeiros cristãos na luta revolucionária <sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> Em resolução, não se tratava apenas de proclamar as reivindicações, era necessário que o povo encabeçado pelos trabalhadores entrasse em ação. E dessa forma, reforçar a guerrilha. O chamamento ao

A materialização dessas reivindicações era a luta armada. Para isso, deveria se organizar um exército guerrilheiro, dirigido pela Frente Sandinistas como vanguarda juntamente com os trabalhadores. Sobre essa constituição militar, Fonseca já dizia que a base do exército evolucionário seriam os camponeses. Esse é um dos principais motivos pelo qual a guerra deveria ser uma guerra agrária, resgatando os direitos dos camponeses médios e pobres pelas terras que os grandes fazendeiros tiraram a força. Por essa razão, era necessário que os membros da FSLN estivessem intimamente ligados e conscientes de todas as calamidades das vidas dos camponeses, como Fonseca (1960, p. 31) já alertava, “ninguém no mundo deve tomar mais em conta a realidade do que o soldado revolucionário”. Essa análise da realidade tornaria os militantes capazes de entender o ímpeto revolucionário camponês. Logo, ficou evidente para Fonseca que os camponeses jamais entrariam em lutas em vão ou com qualquer espírito derrotista.

E essa vitalidade revolucionária presente no campo seria efetiva através do desenvolvimento da consciência política dos camponeses. Pois Fonseca destacou que na época dos primeiros sandinistas, aqui nos remetendo aos anos 1920-30, dado o momento histórico que a Nicarágua – e a América Latina viviam – o povo careceu de maturidade para compreender sua responsabilidade no combate ao imperialismo e a luta se centralizou nas montanhas, resultando na tática guerrilheira. E ainda que o exemplo Exército de Sandino tenha sido sem precedentes, não chegaram a tomar o poder. Por isso era necessário superar, em termos de ir além, as práticas de Sandino. Quaisquer batalhas sem organização seriam preenchidas por um aventureirismo que estaria destinado apenas

---

reforço do combate guerrilheiro era a mensagem da FSLN aos trabalhadores. Pois até então, existia um abismo entre o poder militar dos sandinistas e da Guarda Nacional.

a gerar inúteis derramamentos de sangue. E apesar da valentia ser um aspecto indispensável para um guerrilheiro, ela por si só não era suficiente.

## **4. Capítulo III – Da organização nascerá a Revolução: o papel fundamental das classes exploradas**

### **4.1 As diferentes percepções sobre a importância das classes trabalhadoras**

Neste capítulo analisaremos as conclusões de Carlos Fonseca, suas visões sobre o processo revolucionário da Nicarágua partindo dos trabalhadores, aplicação de estratégias, análises e autocríticas, destacando sua devida importância na construção da libertação nacional, até o período de seu assassinato em 1976. Fonseca, através da Frente Sandinista de Libertação Nacional, foi capaz de promover a superação do obscurantismo ideológico somado ao apagamento de memória, história e construção de identidade provenientes da época colonial pesa decisivamente na falha do desenvolvimento desta consciência. Através de sua liderança fundamental, dedicada ao incremento da consciência política das classes trabalhadoras e da preparação conjuntural que os sandinistas promoveram para que se colocassem em voga as expressões culturais do povo nicaraguense, que carregava uma tradição de rebeldia, que

As condições nacionais e internacionais que prevalecem agora permitem que hoje seja possível que pelo menos um setor do povo da Nicarágua inicie a luta armada, consciente de que se trata, não simplesmente de uma troca de homens no poder, senão uma troca de sistema, a derrubada das classes exploradoras e a vitória das classes exploradas (FONSECA, 1960, p. 82, tradução nossa).

Com a observação do dinamismo da história, da análise da categoria de classe, das relações sociais de produção e de trabalho, do ímpeto revolucionário efervescente que rondava a Nicarágua, do amadurecimento político e desenvolvimento de consciência que as classes trabalhadoras obtiveram através de suas experiências e da concretização de caminhos que se mostraram efetivos, mesmo com obstáculos, para se alcançar a libertação nacional, Fonseca foi capaz de vislumbrar na Nicarágua a perspectiva que Guevara já havia elucidado dos “homens novos”. O homem novo surgiria quando as velhas

estruturas opressoras fossem erradicadas. Ainda que similar em alguns aspectos aos conceitos religiosos de sacrifício pessoal e realização individual, a perspectiva do homem novo em Fonseca tinha mais a ver com patriotismo e a classe social do que com a teologia. Para ele, a Nicarágua não poderia alcançar sua libertação nacional pelos políticos que representam as classes exploradoras, os latifundiários, os grandes comerciantes, os magnatas da indústria e a imprensa que os defende. O novo mundo não poderia ser estruturado por quem havia transformado os trabalhadores em meros vendedores da força de trabalho ou exército industrial de reserva. Seria criado pelos que aspiravam a cessão da sociedade de classes, da exploração, das expropriações e que acreditavam que a Frente Sandinista seria capaz de guiar as massas para a concretização de suas vontades coletivas.

Em todos os textos escritos por Carlos Fonseca ou sobre ele, mostravam que o autor fazia questão de explicitar a importância que as classes trabalhadoras possuíam na construção do processo revolucionário nicaraguense. Fonseca deixava clara a necessidade de se entender a sociedade dividida em classes – o que demonstrava sua análise de tendência marxista – para que fosse compreendida a desigualdade presente na Nicarágua e a necessidade de combatê-la. A experiência histórica, dizia Fonseca, demonstrava que não se pode haver paz entre duas classes antagônicas e que possuem interesses inconciliáveis. Ele argumentou que essa experiência apresenta duas situações, “ou os ricos exploram os pobres, ou os pobres se libertam eliminando os privilégios dos milionários” (FONSECA, 1968, p. 69) <sup>47</sup>. Logo, ele não concebia os trabalhadores com meros agentes passivos na construção do processo revolucionário, mas sim como classe a ser organizada e politizada para que tomasse a frente das lutas políticas, juntamente com a Direção Nacional da Frente Sandinista. Pois representavam justamente a massa majoritária do povo, quem mais possui interesse num processo de revolução que inverta

---

<sup>47</sup> Tradução livre.

as ordens de vida na Nicarágua “de tal maneira que os dominadores se convertam em dominados e os dominados em dominadores” (FONSECA, 1960, p. 26) <sup>48</sup>. Ainda assim, era necessário o trabalho da formação política que estava defasada. Fonseca responsabilizava tanto a política oportunista quanto os “falsos marxistas” pela debilidade na formação política que faz com que o movimento revolucionário tropece e tenha tido dificuldades de se desenvolver, tanto na Nicarágua como em outros pontos da América Latina. Contudo, esse movimento só seria possível com a aglutinação de forças opositoras que não tivessem qualquer tipo de envolvimento com o governo de Anastasio Somoza. Como nos diz o historiador Fred Maciel, para alcançar esse ponto

(...) foi percebida como necessidade premente a participação e envolvimento do maior número possível de atores sociais dos mais variados grupos e segmentos, visto que, ao menos inicialmente, a proposta central do grupo que assumia o poder estava vinculada à democratização do país, conseqüentemente à conquista da soberania nacional (apontada pela cúpula dirigente como “libertação nacional”), e à transformação social. Ou seja, a melhor das condições de vida de grande parte da população que escassa e limitadamente tinha acesso a serviços básicos, como educação e saúde (MACIEL, 2018, p. 11) <sup>49</sup>.

Portanto, era extremamente importante que os sandinistas se compusessem como força capaz de organizar e politizar os trabalhadores nicaraguenses pois, principalmente no início da década de 1960, a luta de oposição a Somoza estava dominada pela direita representada pelo Partido Conservador (PC), composto basicamente por comerciantes milionários, empresários e latifundiários. Isso explica o motivo pelo qual os conservadores seriam incapazes de conduzir uma luta digna e exitosa, e o porquê fizeram diversos acordos com a camarilha governista. O PC não compreendia a luta contra

---

<sup>48</sup> Tradução livre.

<sup>49</sup> Acreditamos ser importante apontar que, apesar de Maciel afirmar que era fundamental a participação de atores sociais de variados grupos, essa questão era ponto de discussão interna na Direção Nacional (DN) da Frente Sandinista. Dividida em três Tendências ao final da década de 1960 e início de 1970, a DN possuía visões diferentes sobre a participação e protagonismo de determinados grupos das frações burguesas da sociedade. Carlos Fonseca, por exemplo, defendia de forma incisiva que o principal destaque no movimento revolucionário deveria ser sobre a atuação das classes trabalhadoras do campo e da cidade.

Somoza como a necessidade de defender os direitos e vida dos setores dominados, porque caso a queda do somozismo representasse uma liquidação na exploração das classes trabalhadoras, os conservadores apoiariam Somoza <sup>50</sup>. Por isso, para Fonseca e para os sandinistas, era necessário traçar um caminho alternativo à subordinação aos Partidos da ordem burguesa demonstrando que os trabalhadores seriam capazes de golpear o governo Somoza de forma contundente. E para isso, era fundamental que esse setor se enxergasse como capaz de tal ação, principalmente pelo fato de que o governo somozista era baseado em força, não em leis, com a atuação da Guarda Nacional. Assim, era primordial para os membros da Frente Sandinista em geral, que se mostrasse aos trabalhadores que a luta por sua libertação se daria de forma política e militar, pois, como disse Carlos Fonseca “é absurdo, por conseguinte, que o povo levante a lei contra a força, o código contra a baioneta” (*Ibidem*, p. 27) <sup>51</sup>.

Opostamente ao que defendiam os Partidos da burguesia, Carlos Fonseca em seu texto *La lucha por la transformación de Nicaragua*, argumentou que a libertação nacional dos explorados só seria possível através da luta armada. Porém, reforçava que deveria ser um movimento extremamente organizado e consequente. O objetivo de Fonseca e dos sandinistas era seguir o caminho iniciado por Sandino e seu Exército Defensor da Soberania Nacional na década de 1930, pois mesmo tendo inferioridade numérica e material perante as forças somozistas, Fonseca defendia a relevância de se estabelecer uma “guerra de guerrilhas do povo contra a Guarda Nacional” (*Ibidem*, p. 28) <sup>52</sup>.

---

<sup>50</sup> Mesmo que os conservadores representassem politicamente um campo opositor ao governo de Somoza, ainda eram parte das classes capitalistas, defendendo seus interesses contra os explorados. Logo, “ainda que o setor capitalista governamental represente a parte dominante dentro do conjunto da classe capitalista do país, deve se assinalar que na exploração do povo da Nicarágua também intervém o setor capitalista que denomina a si mesmo opositor” (FONSECA, 1969, p. 76-77).

<sup>51</sup> Tradução livre.

<sup>52</sup> Tradução livre.

## 4.2 Os efeitos do imperialismo

A luta contra o governo somozista era uma luta pela transformação da Nicarágua, o que significaria a liquidação do sistema político e econômico que estava em voga para substituí-lo por um sistema novo e superior. Fonseca, argumentava que a estrutura econômica em que a o governo de Somoza se apoiava tinha bases semicoloniais e feudais, subordinada ao imperialismo econômico dos Estados Unidos, sendo a produção da Nicarágua empenhada em satisfazer os interesses do mercado externo. As melhores e mais produtivas terras da Nicarágua estavam nas mãos dos grandes latifundiários que importavam produtos manufaturados. Embasando esta afirmação, recorremos à Fonseca quando ele destacou que a economia nicaraguense era mantida em

uma aguda situação semifeudal e semicolonial, que se manifesta especialmente porque a parte fundamental da produção do país está orientada rumo aos mercados estrangeiros e rumo aos Estados Unidos. Porque a maior parte dos produtos importados formam (são formados de) artigos manufaturados (FONSECA, 1961, p. 41)<sup>53</sup>.

A atuação do imperialismo estadunidense subjugava o setor explorado da população nicaraguense praticamente desde 1932. O grupo agente deste imperialismo, afirma Fonseca, reduziu a Nicarágua a uma posição de neocolônia, que era explorada pelos monopólios dos EUA pela classe capitalista nacional. A partir de 1966 a taxa anual de crescimento econômico do país caiu de 8% para 3,1% e em 1967, 4,6%. Por um lado, esses dados apresentavam uma saturação do mercado capitalista exterior abastecido pela produção nacional, e por outro, o surgimento da concorrência da fibra artificial. A exploração de ouro e cobre estava nas mãos de intervencionistas estrangeiros, que pagavam aos cofres públicos quantias inexpressivas como impostos. Paralelamente se seguia a entrega de riquezas nacionais aos monopólios estadunidenses. Fonseca explicitou que

<sup>53</sup> Tradução livre.

---

<sup>57</sup> Tradução livre.

(...) é imprescindível pôr em relevância o papel que corresponde a condição da geografia do país, a sua localização em um sítio que é passagem obrigatória dos poderes coloniais do mundo; é imprescindível avaliar a fecundidade do solo, a ganância e soberba da oligarquia local, a rebeldia tradicional do povo campesino, combinada lamentavelmente com um denso obscurantismo ideológico; é imprescindível apreciar como incidem em um pequeno e confinado país os acontecimentos mundiais” (FONSECA, 1984, p. 9) <sup>54</sup>.

Ainda relata que

De fato a colheita correspondente ao plantio do ano de 1968 sofreu um sério descenso nos preços oferecidos pelo mercado capitalista exterior. Este último tem induzido o governo do país a estabelecer relações comerciais com alguns países socialistas, nos quais será colocada uma parte da colheita de algodão. Este cultivo compreende 26% da terra plantada na Nicarágua (*Idem*, 1969, p. 75) <sup>55</sup>.

E segue dizendo que “em 1967, por exemplo, foi posta em vigor uma lei que converte a companhia ianque Magnavox, companhia especializada na exploração de bosques, em amo absoluto sobre um milhão de hectares do território nacional” (*Ibidem*, p. 76) <sup>56</sup>. A ingerência do imperialismo dos Estados Unidos na Nicarágua – e na América Latina como um todo – escancarava a desigualdade que se espalhava nesses territórios, precarizando a vida dos setores explorados e oprimidos em detrimento do enriquecimento das classes capitalistas. A Nicarágua foi um dos países mais prejudicados na chamada integração econômica da Centro América, integração esta que somente serviu para ampliar a submissão dos países ao monopólio estadunidense, e os próprios representantes do governo disseram que “as indústrias estabelecidas como resultado da integração não favorecem o desenvolvimento econômico nacional” (*Idem*) <sup>57</sup>. Dessa forma, tornou-se urgente a organização dos setores explorados contra os ataques incessantes.

---

<sup>54</sup> Tradução livre.

<sup>55</sup> Tradução livre.

<sup>56</sup> Tradução livre.

<sup>57</sup> Tradução livre.

### **4.3 A participação dos trabalhadores do campo e da cidade**

Como descrito anteriormente, a incisão do imperialismo estadunidense na Nicarágua atingiu diretamente a vida dos trabalhadores, em especial e em primeiro momento, dos trabalhadores do campo. Fonseca compreendia os modos de controle do trabalho assim como estratégias de resistência das classes exploradas na medida em que o conflito capital-trabalho se encontrava no centro do desenvolvimento do sistema-mundo. A retirada de terras, impossibilitando que os que nela viviam e trabalhavam de se manter, plantas e sobreviver, a subjugação forçada destes trabalhadores que tiveram seus meios de vida convertidos em capital, caracterizavam o que Marcel Van Der Linden alegou em seu livro *Trabalhadores no mundo, ensaios para uma história global do trabalho* quando disse que “(...) a base de classe comum a todos os trabalhadores subalternos é a mercantilização *coagida* de sua força de trabalho” (LINDEN, 2013, p. 41, grifos nossos). A herança dinástica de poder na Nicarágua foi uma agressão e violação ao direito dos povos de serem livres e independentes. O governo de Luis Somoza (1956) e a direção da GN por seu irmão, Anastasio Somoza, não apresentaram mudanças fundamentais para a vida do povo explorado nicaraguense e sua condição de dominação sobre eles. Mantiveram-se os desejos dos colaboradores da ditadura e a manutenção dos instrumentos de repressão, a Guarda Nacional e a Segurança Nacional.

Essas movimentações tendiam a fazer com que esses trabalhadores caminhassem para ser a base do exército revolucionário. Porém Fonseca observou que para isso, era necessário realizar um trabalho de politização profunda com esses setores. Essa formação política permitiria que os guerrilheiros revolucionários não caíssem em armadilhas e evitariam desgastes desnecessários. Também impediria comportamentos aventureiros, caracterizados pelo combate sem clareza do caminho que será seguido, que poderiam

causar derramamento inútil de sangue por simplesmente serem surpreendidos por situações que não saberiam superar. Afinal, além da valentia, que era o que permitia um soldado aceitar participar em um combate, era necessária a utilização da inteligência, fundamental para alcançar a vitória. Além disso, a formação política também poderia cessar pensamentos e ações sectárias dentro do próprio meio revolucionário. Todos esses fatores facilitariam a garantia de que o controle da luta antissomozista estivesse nas mãos dos sandinistas e a partir daí avançaria qualitativamente. Assim, para que se fizesse vitoriosa a luta contra Somoza, o fundamental era o apoio do povo oprimido, e essa vitória se tornaria impossível de alcançar se ocultassem os desejos e anseios revolucionários a favor dos camponeses e pelo cumprimento de uma reforma agrária revolucionária e em defesa dos interesses dos trabalhadores da cidade.

Essa violência com a qual o capitalismo avançou primeiramente sobre os trabalhadores do campo, foi um dos principais motivos pelo qual, para Carlos Fonseca, a guerra deveria ser uma guerra agrária, resgatando os direitos dos camponeses médios e pobres pelas terras que os grandes fazendeiros tiraram à força. Fonseca resgatou o ideário de Sandino pela necessidade de instruir a nova geração de combatentes composta por jovens do povo, camponeses, trabalhadores explorados da cidade e estudantes de origens humildes, que eram conscientes da situação deprimente em termos políticos e econômicos que a Nicarágua enfrentava. Também pela necessidade de se levantarem em armas contra a ditadura, entendendo que isso requeria lições de moral, dignidade, patriotismo e da prática militante renascida das mesmas raízes da luta pela defesa da soberania nacional. Ele dizia que

Não calamos nossa identificação com o conhecido princípio de que “sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário”. Mas precisamos que nossa máxima satisfação não consiste em escrever

acerca dos heróis, senão seguir seu exemplo, na trincheira rural ou na catacumba urbana (FONSECA, 1984, p. 10) <sup>58</sup>.

Carlos Fonseca se preocupava em acumular forças, organizar e preparar quadros, fixando os rumos da vitória da FSLN. Era de fato importante para ele que se fizessem entendidas as raízes da causa, a forma como Sandino e seus homens enfrentaram um exército bem organizado e forte como era o exército estadunidense e os *marines* naquela época e a vigência da causa sandinista, principalmente pelo contexto político, ideológico e militar que deveria se constituir como pilar das plataformas de luta da Frente Sandinista. Para isso, acreditava que os guerrilheiros deveriam saber aproveitar todos os espaços para propagandear a sua causa sem cair em discursos e alimentar práticas que tirariam o foco da luta pela libertação nacional. Tornou-se o foco trabalhar para “encontrar a maneira de poder falar legalmente sendo leais aos princípios revolucionários, mantendo a distância com os oportunistas e os traidores” (FONSECA, 1960, p. 29) <sup>59</sup>. Carlos Fonseca destaca que na época dos primeiros sandinistas, compreendendo-se os anos 1920-30, dado o momento histórico que a Nicarágua – e a América Latina viviam – o povo careceu de maturidade para compreender sua responsabilidade na luta anti- imperialista e a luta se centralizou nas montanhas, resultando na tática guerrilheira. E ainda que o exemplo Exército de Sandino tenha sido sem precedentes, não chegaram a tomar o poder. Pois,

A limitada experiência dos povos da América Latina na luta contra o imperialismo ianque, o também limitado desenvolvimento ideológico revolucionário da época e junto a estes elementos a sanguinária repressão que culminou com o assassinato de Augusto César Sandino, impedira que progredisse na Nicarágua uma força política representativa dos interesses populares (*Ibidem*, p. 37) <sup>60</sup>.

---

<sup>58</sup> Tradução livre.

<sup>59</sup> Tradução livre.

<sup>60</sup> Tradução livre.

Mesmo sem alcançar o objetivo maior, Sandino deixou um legado de lutas em defesa da soberania nacional importante para a posteridade, e mais ainda, demonstrou que a força do exército revolucionário estava nas mãos dos oprimidos, dos explorados, dos trabalhadores do campo e da cidade. Faz-se importante destacar isso para que não ocorram equívocos interpretativos de acreditarmos que o fato do governo da família Somoza ter se alastrado por mais de 40 anos significava que as classes trabalhadoras e outros setores do povo que sofriam os ataques das classes capitalistas colocavam-se alheios ou em silêncio perante toda agressão que sofriam, direta ou indiretamente. Os trabalhadores já demonstravam que sabiam enfrentar seus algozes, mesmo tendo algumas lutas foram frustradas pela traição de dirigentes dos partidos liberal e conservador, fiéis aos interesses dos capitalistas. Ainda assim, os sandinistas enfrentavam diversos obstáculos para se inserirem de forma plena nos espaços organizativos dos trabalhadores. O Partido Socialista da Nicarágua (PSN) se colocou como principal empecilho para a Frente Sandinista. Com discursos que se aproximavam mais das alas conservadora e liberal, condenavam as ações radicalizadas encabeçadas pela FSLN e seus simpatizantes. Fosse dentro dos espaços estudantis, nos sindicatos ou no campo, o trabalho dobrou para superar as estratégias de atraso que o PSN e outros partidos da ordem buscavam colocar, na tentativa de conter o ímpeto revolucionário das massas exploradas. Sobre isso, Matilde Zimmermann nos diz que

A FSLN estava competindo com seu aliado de coalizão pela lealdade da juventude radical, e o PSN oferecia numerosos incentivos que a FSLN não podia oferecer, incluindo um histórico mais antigo, uma base de classe operária, seu próprio jornal, viagens gratuitas e bolsas para estudar na União Soviética. A FSLN tinha pouca ou nenhuma influência no movimento operário, e o PSN dominava importantes sindicatos. Os comunistas (sic) também tinham sido uma força importante no movimento camponês, organizando um congresso e uma marcha de protesto de centenas de camponeses que chegaram a Manágua em meados de 1965. Quando os membros da FSLN ingressaram na MR [de tendência reformista] em 1964, de acordo com uma fonte, concordaram em permanecer à margem das áreas rurais, deixando o trabalho político ali a cargo do PSN (ZIMMERMANN, 2012, p. 156).

Em um breve momento de recuo nesses espaços disputados, a FSLN então se concentra em trabalho educativo e comunitário, alfabetização de trabalhadores, campanhas para o acesso à água e energia elétrica aos bairros populares de Manágua. Fonseca criticou a coalizão legal e o trabalho da FSLN de 1964 a 66, quando deixaram a MR, descrevendo que o trabalho durante este período foi “extremamente limitado e revestido de um caráter reformista” (*Ibidem*, p. 159). Isso por pouco não custou a renúncia às estratégias de insurreição e o desaparecimento da FSLN como força revolucionária independente. Logo, o trabalho dentro da MR foi negativo. Dentre eles

(...) um baixo nível de atividade, desmoralização dos quadros, adoção “dos hábitos de trabalho e de organização do elemento pequeno-burguês tradicional”, perda de influência no movimento estudantil frente aos “elementos antirrevolucionários que se denominam cristãos” e no campo e na cidade para o PSN (*Ibidem*, p. 159).

E ainda

As críticas de Fonseca às atividades dos sandinistas de meados dos anos 1960 não eram dirigidas a sua participação no trabalho legal em si, e sim a sua incapacidade de usar o espaço público com o objetivo de recrutar quadros e ganhar influência para sua própria corrente revolucionária. (...) Os sandinistas deviam ter feito mais, dizia Fonseca, para se distinguirem do PSN reformista. Em vez disso, “vacilou-se em apresentar uma ideologia claramente marxista-leninista”, tendo como resultado favorecer uma estratégia “que no plano nacional estava vinculada ao compromisso” (*Ibidem*, p. 160)

As práticas da MR confirmavam a alegação de Fonseca, pois em um exemplar do jornal da organização publicado em meados de 1965, ao descrever o assassinato de Marvin Guerrero, um dos fundadores da FSLN, por somozistas, o identificava apenas

como um ativista da MR <sup>61</sup>. E apesar de ter assumido a decisão da Frente participar na MR, Fonseca esteve fora da Nicarágua durante a maior parte deste tempo, não estando então presente para conduzir as tarefas do dia a dia <sup>62</sup>. Na segunda metade da década de 1960, a Frente Sandinista começa a traçar sua tática e estratégia revolucionária de forma mais contundente. Em 1966 se inicia a organização da segunda operação guerrilheira nas montanhas, e Carlos Fonseca juntamente com outros dirigentes da Frente estabeleceram diálogo com os camponeses e encontraram alguns antigos partidários do movimento de Sandino. Fonseca era bem entendido pelos camponeses, falava sobre como eram explorados pelos ricos, a importância da necessidade de se realizar uma revolução agrária ressaltando sempre que sem organização os pobres não poderiam tomar o poder. Dissertava sobre a possibilidade de terem melhores terras para trabalhar e viver, e para isso era necessário se organizar e lutar. Até porque, ele fazia questão de reforçar que toda humilhação, infâmia, exploração e opressão pelas quais passavam os nicaraguenses pobres, “não é possível que se extirpe com implorações” (FONSECA, 1969, p. 267) <sup>63</sup>.

Muitos camponeses da montanha onde a FSLN atuou foram expulsos de terras melhores e marginalizados, por conta da expansão das plantações de café no século XIX e de algodão no século XX. Por conta de toda experiência histórica dos trabalhadores do campo, assim como Sandino, Fonseca acreditava que os camponeses eram moralmente mais fortes do que os povos urbanos, menos propensos a trair ou entregar os guerrilheiros em função de suborno ou torturas. De qualquer forma, Fonseca confiava veementemente

---

<sup>61</sup> Existem hipóteses, como a de Matilde Zimmermann, que os próprios dirigentes da FSLN dentro da Nicarágua decidiram não expor o nome da FSLN, uma organização proibida na época, em um jornal no qual possuíam grande influência.

<sup>62</sup> Em meados de 1966 Fonseca volta secretamente à Nicarágua e passa a participar de forma mais direta da condução da Frente.

<sup>63</sup> Tradução livre.

nas classes trabalhadoras, ele dizia “libertação, justiça: duas palavras que encarnam o ideal da revolução popular, operária e camponesa, pela qual tem oferecido heroicamente a vida não poucos patriotas nicaraguenses” (FONSECA, 1968, p. 55) <sup>64</sup>.

Em 1967 ocorreu a operação de Pancasán nas montanhas. Os guerrilheiros foram derrotados pelas tropas da Guarda Nacional do governo Somoza. Dentre as análises do que foi feito de errado após a aniquilação da coluna de Mayorga e a retirada das tropas guerrilheiras da montanha, Carlos Fonseca e os sandinistas concluíram que se aproximar de alguns camponeses por meio de ajuda financeira deformou o interesse e real objetivo da luta, pois estes viam na Frente uma fonte pessoal de lucro e não o sacrifício na luta pela reivindicação popular. Nas discussões após a guerrilha de Pancasán, por conta do avanço dos exércitos governamentais sobre as guerrilhas na América Latina e pelo assassinato de Guevara, uma discussão surgiu internamente na FSLN. O que então seria a Frente? Um partido, um grupo armado? Foco? Começaram a questionar a teoria do foco e a tentativa de definição. Fonseca buscava sempre mediar essas questões que geravam dois lados de opinião sobre o que deveria ser feito pós-Pancasán. Ele entendia que o trabalho deveria ser recomeçado e que não poderiam acabar com esta luta. Matilde Zimmermann registrou esse movimento de reconstrução de Fonseca ao escrever

A obra *Militância ativa*, escrita por Fonseca em 1968, e o diário de Julio Buitrago, do mesmo período, deixam claro que havia desacordos dentro da FSLN acerca do curso e do ritmo em que a organização se movia. Em seu ensaio de 1969, *Hora cero*, Fonseca alegava que havia muitos militantes “exauridos” depois da derrota de Pancasán, e que era tempo de reagrupar e orientar politicamente novos quadros (ZIMMERMANN, 2012, p. 205).

Diferentemente do que ocorreu depois das guerrilhas nos Rios Coco e Bocay que provocou um hiato na atuação militante dos sandinistas, a FSLN manteve a postura

---

<sup>64</sup> Tradução livre.

ofensiva política após Pancasán. A pausa política que a FSLN fez após o revés dos Rios Coco e Bocay, para Fonseca, empunhou uma posição que revestiu guarnições reformistas. Essa derrota armada coincidiu com um descenso do movimento anti-somozista no país. Isso ocorreu pelo fato da jogada política do governo de realizar uma manobra em 1963 através da farsa eleitoral que impôs René Schick como uma marionete. Ainda assim, naquele momento a direção da frente não compreendeu que isso significava apenas um fenômeno parcial, pois na realidade o rumo do movimento revolucionário era de progresso e de transformações caminhando para o amadurecimento. Uma dessas atuações de não estagnação foi também descrita por Zimmermann, quando a autora descreve que

Em outubro de 1967, apenas uns poucos meses depois da derrota em Pancasán, a FSLN realizou o *justiciamento* [fazer justiça por meio de execução] de um dos mais odiados torturadores do regime de Somoza, Gonzalo Lacayo. Houve uma meia dúzia de tentativas – algumas delas com êxito – de roubar bancos e empresas com o objetivo de arrecadar fundos para a FSLN. Estas ações urbanas armadas saíram caro. Morreram mais sandinistas em consequência da execução de Gonzalo Lacayo e nos tiroteios dos assaltos do que os que caíram em combate em Pancasán (*Ibidem*, p. 170).

Porém, por conta de diversas baixas que os sandinistas sofreram nessas variadas tentativas de guerrilha nas montanhas, viu-se então a necessidade de reforçar as fileiras da Frente. Por mais que Fonseca acreditasse que a qualidade seria capaz, de forma organizada, de vencer a quantidade, não seria possível avançar com cada vez menos militantes. Por isso

No decorrer de 1968, uma série de curtos manifestos mimeografados buscava recrutar novos membros e mobilizar protestos mais amplos. Incluíram, por exemplo, uma convocação à luta do 34º aniversário do assassinato de Sandino, em fevereiro; uma mensagem de 1º de maio, de apoio às lutas dos trabalhadores por reivindicações concretas de caráter econômico e social; um chamado no Dia das Mães ressaltando as condições enfrentadas pelas mulheres operárias e camponesas; um chamado a protestar contra a visita do presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, em julho; uma declaração no primeiro aniversário da morte de Che Guevara, em outubro, e um manifesto antieleitoral no aniversário do assassinato de Casimiro Sotelo, em novembro. Tudo isso foi escrito por Fonseca. Embora a FSLN já tivesse uma estrutura de liderança mais formal, com uma Direção Nacional, Carlos Fonseca

ainda era, quase sem a participação de mais ninguém, o responsável pelo desenvolvimento das posições políticas do grupo. Em janeiro de 1968 foi nomeado chefe político e militar da FSLN, e em fevereiro de 1969 tornou-se o secretário-geral da organização, cargo que manteve até sua morte (*Ibidem*, p. 171).

Mesmo com alguns revezes pelo caminho da construção do processo revolucionário, Fonseca fomentava as conquistas do movimento. Dizia que apesar da superioridade bélica, material, econômica etc., dos inimigos, estes estavam longe de aniquilar a organização revolucionária. Lembrava com otimismo que a “compreensão dos progressos alcançados é requisito essencial para ter confiança no êxito do cumprimento das tarefas que teremos a frente” (FONSECA, 1968, p. 57) <sup>65</sup>. Era fundamental que se extraísse lições dos fracassos sofridos e que se valorizasse os lados favoráveis que a situação dava. Situações de fracasso também poderiam servir para somar forças de povos oprimidos para enfrentar um inimigo em comum. A própria batalha vitoriosa de Sandino foi precedida por outros movimentos derrotados. No documento intitulado *Nicarágua Hora Zero* (1969), Fonseca analisou o motivo da necessidade de uma revolução na Nicarágua ser encabeçada pela Frente Sandinista, pois os outros grupos opositores eram incapazes de conduzir um processo que culminaria numa real transformação social. O resultado desta análise foi a redação do *Programa Histórico* da FSLN <sup>66</sup>, basicamente a plataforma de reivindicações segundo a qual os sandinistas conduziriam o processo revolucionário, sendo capazes de superar as derrotas e obstáculos.

Ele refirmava a relevância do papel da Frente Sandinista no direcionamento da luta contra o imperialismo estadunidense e seus tentáculos de sustentação a nível nacional. Logo, foi se consolidando a confiança das camadas populares pauperizadas na

---

<sup>65</sup> Tradução livre.

<sup>66</sup> As reivindicações eram em sua maioria de caráter democrático e nacionalista, com forte tendência a defesa dos operários e camponeses, além de uma intransigente oposição a todos os aparatos da família Somoza.

FSLN demonstrando que entendiam os sandinistas como força revolucionária organizada que mais ansiava a verdadeira transformação da realidade nicaraguense. Para isso, incentivava seus companheiros a estudar o marxismo e serem abertamente convictos das ideias marxista, pois não acreditava na autodeterminação do povo nicaraguense sem a mudança da estrutura das relações de classe. Fonseca destacava a necessidade de fazer com que a insurreição nicaraguense tivesse um caráter revolucionário, de mudança social radical. Ele defendia que uma luta de libertação nacional não poderia triunfar se não solapasse as relações capitalistas de propriedade. Afirmava que “na história contemporânea de libertação nacional, houve casos em que as insurreições foram vitoriosas, mas que não resultaram na tomada do poder por governos revolucionários, casos em que não triunfou a *revolução proletária*” (ZIMMERMANN, *op. cit.*, p. 176, grifos nossos). Da mesma forma, não poderiam ser deixados de lado setores da sociedade frequentemente abandonados pelos grupos de oposição das classes dominantes, como os indígenas. Zimmermann relata que as questões profundas que tangiam os indígenas e as mulheres, apesar de citadas pelos sandinistas no programa, não eram de fato compreendidas. Muitos acreditavam que esses dois grupos seriam apenas vítimas da exploração imperialista e que não necessariamente seriam atores de transformação na sociedade. “Estas debilidades políticas, e especificamente a falha de não captar a importância da identidade étnica para setores da população nicaraguense, causaram sérios problemas nos anos posteriores à revolução de 1979” (*Ibidem*, p. 208).

Essa era uma demarcação clara da política de Carlos Fonseca. Descrevia exatamente a forma como ele achava que deveria ser o caminho e o objetivo das lutas em favor da libertação nacional e quais grupos tomariam a frente. Além disso, demonstrava a diferença entre o pensamento dos revolucionários sandinistas e dos intelectuais reformistas. Matilde Zimmermann em seu livro *Carlos Fonseca e a Revolução*

*Nicaraguense* (2012, p. 178-179) demonstra, comparativamente, a oposição entre os dois grupos. Analisando o documento *Mensagem aos estudantes revolucionários*, escrito por Carlos Fonseca em 1968 e o *Documento da Geração do 23 de Julho*, escrito por intelectuais reformistas em 1969, a autora explicita a distância entre os dois campos, opondo, respectivamente: luta armada x eleições; luta de classes x harmonia de classes; papel dirigente atribuído aos operários e camponeses x projeto que propunha intelectuais e técnicos; e socialismo x desenvolvimento capitalista. Esses intelectuais representantes da classe capitalista solicitavam ao governo

a liberalização da importação de bens de capital, a melhora do fluxo de crédito interno, o incentivo à industrialização, o estímulo à educação, assim como facilidades para investimentos mais eficientes. Os acadêmicos moderados concluíam que as profundas mudanças de que a Nicarágua necessitava só podiam dar-se “por meio da humanização das relações entre patrões e operários, de modo a pôr a economia e o capital a serviço do homem” (*Ibidem*, p. 178).

Ao contrário, Fonseca se preocupava com a concretude das consignas da FSLN, para que não houvesse o equívoco de convocar a luta dos povos oprimidos contra a exploração e a opressão em termos abstratos. Para isso, o dirigente retornava a repetir a importância da formação teórica marxista, alegando que “o marxismo já é a ideologia dos mais ardentes defensores latino-americanos da humanidade. Já é hora de que a mente dos revolucionários nicaraguenses compartilhe o ideal marxista de libertação proletária” (*Ibidem*, p. 182). Mesmo assim, ele possuía como critério para escolher para a militância a disposição individual para a ação revolucionária e não a preparação teórica, destacando a função desta última, conseqüentemente, para a sua organização. Ou seja, os dirigentes da Frente Sandinista deveriam estar preparados teórica e politicamente para formar os novos membros de suas fileiras. Incluindo os estudantes.

#### 4.4 O movimento estudantil revolucionário

Muito falamos unicamente de trabalhadores e trabalhadoras do campo e cidade, mas existe uma fração dessa classe que ocupava o movimento estudantil. Os militantes estudantis ocupavam lugar de destaque na luta travada. Em março de 1959, logo após a vitória do movimento cubano, os estudantes nicaraguenses fundaram a Juventude Democrática Nicaraguense (JDN), de caráter amplo, num movimento de esforço de criar independência política e traçar sua história. A União Nacional Opositora (UNO) não atraiu a juventude, por conta da debilidade orgânica dos partidos e pela débil combatividade <sup>67</sup>. A nova organização juvenil foi responsável pelos mais importantes protestos em Manágua em 1959 preenchendo a cidade com legendas antissomozistas, sofreram uma violenta repressão dos capachos do regime. Essa repressão foi o impeditivo para se consolidar de fato a organização. Porém desempenhou um importante papel, de demonstrar que a população não deveria esperar e crer na ação dos partidos convencionais.

Mas isso não significava que o movimento estudantil como um todo estava moldado a altura do que exigia o movimento revolucionário. Enquanto alguns estudantes se incorporavam a guerrilha, os que permaneciam exclusivamente em sala de aula cruzavam os braços. Fonseca criticou que as atitudes estudantis de guerrilha ou solidariedade estavam demasiado escassas e fracas, resultantes da penetração capitalista nas universidades do país juntamente com a indisciplina dos estudantes. Era necessário expandir os muros das escolas e universidades, principalmente por conta da grande defasagem educacional presente na Nicarágua na segunda metade do século XX, o que

---

<sup>67</sup> Em 1959 se agudizaram as contradições internas da UNO. Os conservadores tomavam decisões sem consultar os demais partidos. Em caminho de dissolução, a UNO se enfraquece e se forma, sem os conservadores, o bloco de Ação Democrática Unitária (ADU), que também falhou em planos práticos para se ligar aos setores da população.

deixava grande parte da população pobre fora das escolas e uma parcela maior ainda fora das universidades. Até então, o movimento estudantil se encontrava inerte frente à imobilização do governo Somozista para resolver os problemas que assolavam os setores universitários e escolares e a superação deste momento de inatividade opositora e propositiva era ponto fundamental para a transformação do sistema político nefasto que dominava a sociedade nicaraguense. Essa superação ocorreria na medida em que o movimento estudantil como um todo, e os estudantes revolucionários, se alinhassem cada vez mais com aqueles que não poupavam esforços em defender os interesses do povo explorado.

Determinados intelectuais universitários, a quem Fonseca chamava de capitalistas democratas, mais capitalistas do que democratas, acreditavam que a luta estudantil e suas reivindicações rebaixavam a alta função da universidade. Defendiam um “Plano de Desenvolvimento” que buscava silenciar as demandas estudantis e falavam de “coexistir não somente com a oligarquia capitalista nacional, senão também com o império ianque.” (FONSECA, 1968, p. 59) <sup>68</sup>. Esses intelectuais, desenvolvendo estas concepções, opuseram cultura e combate. Como se a luta prática pela defesa de seus interesses por parte dos estudantes não fosse uma expressão da cultura das classes trabalhadoras da Nicarágua. Ou seja, a inércia que se encontrava o movimento estudantil era manipulada pelos que serviam ao sistema capitalista através de suas posições de autoridades universitárias. Contra a forma de tutela ou doutrinação descabida, Fonseca defendia que a ação dos estudantes deve sempre ser acompanhada de uma explicação das razões que obrigam a prática da militância revolucionária, aí estava a necessidade da formação política. No entendimento de Fonseca, a instrução era a condição que multiplica o dever de lutar pelas causas populares, logo, defasagem educacional da Nicarágua deveria impor

---

<sup>68</sup> Tradução livre.

aos poucos que alcançavam o nível superior de educação a não dar as costas ao povo oprimido.

E de fato, os estudantes se mostraram um setor não só profundamente organizado com o passar dos anos, como também fundamental no auxílio ao enfrentamento do governo somozista que cada vez mais, aumentava seu aparato repressivo contra seus opositores, principalmente por causa de recessões que o regime começou a sofrer na década de 1970. Além de um certo declínio de apoio estrangeiro, a Nicarágua enfrentou um terremoto em 1972 que não foi nada benéfico para os Somoza. Assim, a Frente Sandinista assumiu o papel de se aproximar para organizar e incorporar os estudantes revolucionários à organização. A historiadora nicaraguense Dora Maria Téllez, estudante universitária nesse período, explicitou as condições dos estudantes e trabalhadores pauperizados neste período, afirmando que

a ditadura de Somoza estava em um período de repressão, incrementando a repressão, e depois do terremoto se havia estabelecido o estado de sítio. Foi uma época difícil e as condições econômicas do país haviam piorado, a corrupção era sumariamente elevada e ficou evidenciada na situação do terremoto de Manágua, em 1972. De maneira que, no ano seguinte, em que entrei na universidade, este era mais ou menos o contexto que havia. E já se tratava de uma ditadura bastante antiga, já durava mais de 30 anos, quase 40 anos, e o movimento estudantil era genuína e majoritariamente, diria eu, anti-somozista. A FSLN era uma organização muito minoritária que, digamos, atraía pouca gente, e eu entrei por conexão, por uma amizade, porque me pareceu que não havia nenhuma solução pela via cívica para derrubar a ditadura dos Somoza na Nicarágua. Mas parecia mesmo que a única solução era a luta armada e uma luta armada revolucionária, que não somente se estabeleceria em troca da derrocada da ditadura, e sim por uma mudança social, econômica no país, porque a Nicarágua era um país extremamente pobre, com a maioria em extrema pobreza, em condições de insalubridade, de analfabetismo tremendas, e sem soluções. A ditadura havia criado uma classe média pequena, mas a imensa maioria da população e a população rural se encontravam em condições, realmente, dramáticas (TÉLLEZ, 2021, entrevista com a autora).

Faz-se importante destacar aqui uma percepção de Fonseca para com os estudantes. Ele fez questão de reforçar que os estudantes são parte do setor popular, ou seja, não existia separação entre eles e os trabalhadores, logo, deveriam também tomar

para si o dever de lutar pelas causas que afligiam as classes trabalhadoras, por simplesmente fazer parte delas. Ainda com uma vantagem, por conta de sua pouca idade, os jovens, em tese, não foram totalmente contaminados pelas mentiras e vícios engendrados pela sociedade capitalista corrompida. Por isso também, Fonseca afirmou

Tem que se dizer também que é inevitável a relação entre a política e a força estudantil. Aqueles que se opõem que os estudantes estejam ao lado do povo, falam que os estudantes não devem participar na política. Porém falam com hipocrisia e não se propõem de verdade separar os estudantes da política. A verdadeira intenção que tem é pôr os estudantes a serviço da pior política que é a política reacionária (FONSECA, 1968, p. 60) <sup>69</sup>.

Mesmo com os obstáculos incutidos para e com os estudantes, a respeito de sua disciplina para participar efetivamente no movimento revolucionário, tais como o fato de o proletariado industrial jovem estava majoritariamente desorganizado sindicalmente e que naquele momento limitava sua capacidade de luta e o movimento camponês com reivindicações classistas ser recente não impediu a organização deste setor. Principalmente para os sandinistas isso não foi e nem poderia ser motivos de desânimo para aproximar os estudantes, pois “por razão de um processo dialético, é o setor do povo constituído pelos estudantes que com maior entusiasmo acolhe na primeira etapa os ideais revolucionários” (*Idem*, p. 61) <sup>70</sup>. Aos sandinistas cabia despertar e fortalecer nos estudantes a consciência proletária e a unidade entre estudantes, camponeses e operários deveria incluir uma investigação minuciosa dos problemas que esbarram em suas vidas para que se mobilizem contra seus inimigos. Os partidos da ordem e os representantes das classes capitalistas não viam com bons olhos a organização dos setores oprimidos.

As forças políticas capitalistas propunham uma forma de transformação social que se baseava em sujeições onde Somoza seria o nome do aparato estatal, mantendo intacto

---

<sup>69</sup> Tradução livre.

<sup>70</sup> Tradução livre.

o poder econômico da classe capitalista nacional e estrangeira. Este movimento deveria ser combatido pelas forças políticas urbanas, porém como ainda eram iniciantes e limitadas, destacou-se a importância e necessidade que a atuação estudantil deveria ter. As classes capitalistas elaboravam documentos chamados “Planos de Desenvolvimento” que na realidade eram estratégias elaboradas pelo imperialismo estadunidense e seus agentes no governo nicaraguense, compostos por propostas que manteriam a miséria e o atraso, provocando mais e mais desigualdade. Portanto, era necessário utilizar todo e qualquer espaço estudantil para alavancar a mobilização, incluindo os meios acadêmicos. Isso ajudaria a romper com o ideal de educação reacionária e contestar a formação de indivíduos que poderiam se tornar opressores das classes trabalhadoras.

Para isso, a luta dos movimentos estudantis iniciavam-se dentro de seus locais de estudo. A maioria dos dirigentes universitários se curvavam ao imperialismo estadunidense. Repetidamente se esforçavam para tentar apaziguar e desviar o foco do ímpeto revolucionário dos estudantes para outras tarefas, principalmente para questões que eram de responsabilidade do chefe administrativo do poder público. Os sandinistas traçaram então uma estratégia para levar a massa estudantil para luta revolucionária se aproximando através das reivindicações pela resolução dos problemas que a educação passava. Fonseca dizia que

O correto deve ser reunir os estudantes, editar materiais explicando a hostilidade do governo contra a universidade, buscar o apoio do povo para alcançar um aumento tanto do orçamento da universidade como da educação em geral. (...) Queremos que se foque a atenção na campanha para reivindicar o aumento do orçamento estatal para a educação (FONSECA, 1968, p. 64)<sup>71</sup>.

E um dos pontos fundamentais dessa estratégia de Fonseca e da FSLN em geral era que a reivindicação falava sobre a educação em geral e não somente para o setor

---

<sup>71</sup> Tradução livre.

universitário, não deixando que a universidade continuasse a caminhar para ser uma elite privilegiada. Pois,

A atitude que denominamos cruzamento de braços dos estudantes revolucionários que não tiveram a oportunidade de empunhar as armas, em uma medida considerável se origina nos hábitos herdados dos longos anos em que não existiu a mínima consciência revolucionária no movimento estudantil. (...) Durante muitos anos, o movimento estudantil nicaraguense não teve nem noções dos métodos revolucionários modernos. Esta situação do movimento estudantil corria conjuntamente com a situação do movimento político geral do país. (...) desde a implantação do regime somozista, durante mais de vinte anos a luta popular da Nicarágua esteve sob a exclusiva direção de políticos que representam uma posição capitalista. Estes políticos, geralmente intitulado-se conservadores, às vezes intitulado-se liberais, levaram ao fracasso a luta popular, paralisaram a ação das massas operárias e camponesas, paralisaram todas as pessoas dignas e tornaram o povo impotente (*Ibidem*, p. 65) <sup>72</sup>.

A construção do sentimento de unidade era fundamental para o êxito de qualquer ação, seja da estratégia para alcançar o horizonte da libertação nacional, ou em ações táticas que garantiriam pequenas vitórias que fortaleceriam o caminho.

---

<sup>72</sup> Tradução livre.

## 5. Conclusão

As classes capitalistas dominantes faziam dos trabalhadores suas vítimas da exploração, direta e indiretamente. Através da expropriação de suas terras e meios de sobrevivência, retirada de direitos trabalhistas e provocando doenças como contaminação por bactérias, demência coletiva ou cegueira noturna – casos que não eram raros – os exploradores iam dizimando os pobres. Essas violências foram relatadas por Carlos Fonseca

É escravo o camponês de Jinotega, que por seu trabalho diário recebe muitas vezes somente milho com sal; o menino do campo de Matagalpa que por fome incha seu rosto; o colhedor de algodão de Chinandega com sua saúde, sua vida exposta pelo uso irracional que faz o latifundiário do inseticida; é escravo o camponês despojado no Pueblo Nuevo Sur; o habitante do quente Acahualinca que engole água com excrementos; o mineiro da Costa Atlântica cujos pulmões são arrebatados pela *Gold Mining Company*; é escrava a prostituta explorada pelo comandante militar que estiver mais próximo ao bordel; é escravo o camponês das comarcas da Cidade Darío que não pode contemplar as estrelas por causa da cegueira noturna provocada pela deficiência de proteínas; o estudante que não pode continuar se preparando porque carece de recursos econômicos; o operário demitido da fábrica porque ousou dizer uma palavra em som de queixa pelo péssimo salário; o sacerdote justo ameaçado pelo bispo; o ladrãozinho que sofre prisão enquanto os milionários vigaristas e o imperialismo controlam o aparato governamental (FONSECA, 1980, p. 274)<sup>73</sup>.

Práticas estas que foram herdadas de todo protocolo de agressão estadunidense sobre os povos da América Latina por mais de um século. Segue uma breve linha cronológica para contextualizar toda ingerência que sofreu a Nicarágua pelo avanço do imperialismo.

1850: Tratado Clayton-Bulwer, pacto estabelecido por Inglaterra e Estados Unidos para ocupar o território nicaraguense para construir uma via interoceânica

---

<sup>73</sup> Tradução livre.

1854: Bombardeio do porto nicaraguense de San Juan del Norte por um barco de guerra dos EUA;

1855: Intervenção militar, o estadunidense William Walker se proclamou presidente da Nicarágua e foi reconhecido pelo governo de Franklin Pierce. Decretou a escravidão e o setor do povo oprimido da Nicarágua resistiu com o apoio de outros povos centro-americanos e os expulsaram de seu território;

1870: Tomás Ayón, titular de relações exteriores do governo de Nica escreveu ao representante do governo ianque protestando contra a intervenção norte americana e exigindo a reparação de danos materiais causados pelo bombardeio de 1854;

1907: Navios de guerra dos EUA ocuparam o Golfo de Fonseca (anexo 2), uma baía no oceano Pacífico localizado entre El Salvador, Honduras e Nicarágua;

1909: O governo nicaraguense, de orientação nacionalista, fuzilou dois norte-americanos pela sua participação em ações armadas contra o governo nicaraguense. Os EUA emitiram uma nota “Nota Knox”, declarando abertamente o direito de intervir em assuntos internos da Nicarágua;

1910: Barcos de guerra norte-americanos interviram e apoiaram os conservadores contra o governo da Nicarágua, impondo um governo entreguista;

1912: A marinha dos EUA ocupou a Nicarágua. Durante meses se manteve a resistência contra os ianques e foi o ano da morte de Benjamin Zeledón;

1914: Tratado Bryan-Chamorro firmado entre o Secretário de Estado dos EUA e Emiliano Chamorro;

1927: José Moncada, representante da burguesia local e chefe militar do exército popular que havia enfrentado os estadunidenses traiu a causa e fez acordos com o representante

do Departamento de Estado, o norte americano Henry Stimpson. Sandino e o EDSN impuseram armas contra a ocupação estadunidense e todos os seus apoiadores. Os guerrilheiros sustentaram mais de 500 encontros com as forças militares de ocupação. Antes de deixarem o país, os norte-americanos criam a GN;

1934: A GN de Somoza assassinou Augusto Cesar Sandino depois de receber informações do embaixador estadunidense Arthur Bliss Lane;

1936: Somoza derrubou o presidente nicaraguense com o apoio dos EUA;

1947: Somoza derrubou novamente um presidente constitucional também com o apoio dos EUA;

1960: A frota norte americana que estava no Mar do Caribe (anexo 3) foi deslocada para proteger os presidentes de Nicarágua e Guatemala que enfrentavam forte descontentamento popular <sup>74</sup>.

Fonseca também se manifestou sobre essa história de subordinação imposta aos nicaraguenses em sua proclamação *Mensagem ao Povo da Nicarágua*, onde relatou que

a Frente Sandinista, a cabeça das massas populares da Nicarágua, se sacrifica não por alcançar uma mesquinha migalha para o povo, senão por chegar a uma radical transformação social e nacional; não somente estamos contra os quarenta anos de tirania libero- conservadora somozista, nossa aspiração é mais profunda, estamos contra quatro séculos e meio de agressões estrangeiras, das quais mais de um século correspondem a agressões ianques (FONSECA, 1980, p.271, grifos do autor) <sup>75</sup>.

Esse foi o cenário que se desenhou sobre a Nicarágua, retirando das classes trabalhadoras e setores pobres do país qualquer tipo de autonomia e participação política

---

<sup>74</sup> Dados retirados do documento escrito por Carlos Fonseca intitulado *Nicarágua Hora Zero*, de 1969, disponível em <https://memoriasdelaluchasandinista.org/media/textos/20.textos.pdf> páginas 78-80. Acesso em 18 jan. 2022.

<sup>75</sup> Tradução livre.

e social. À geração de Fonseca coube tocar a luta que desde o assassinato de Sandino estava estancada. Ele enxergava um bom cenário nacional e internacional para o triunfo da oposição revolucionária, pois sua geração, de acordo com ele, possuía as qualidades para cumprir com as exigências da luta revolucionária. Estavam distantes de velhos hábitos que conduziriam ao fracasso histórico. Possuíam o que ele chamou de “superioridade moral”, composta pela justeza da causa a qual a Frente Sandinista defendia, e afirmava que era de conhecimento geral “que em toda sociedade dividida em classes se dá uma luta em que a razão está junto com os explorados, enquanto os exploradores carecem dela.” (FONSECA, 1981, p. 96) <sup>76</sup>. Para Fonseca, foi essa superioridade moral que não permitiu que as forças somozistas liquidassem a FSLN durante 40 anos de repressão, da mesma forma que não deteve seu crescimento. Fundamentalmente baseados em princípios marxistas, Fonseca se apresentou um líder político e intelectual determinado a lutar para vencer. Extremamente disciplinado e organizativo, trabalhou até o fim de sua vida para que as classes exploradas alcançassem sua verdadeira libertação e genuína transformação social. Defendia que o destacamento sandinista deveria ser radical, dotado de extrema disciplina, audácia na ação e primordial na defesa dos explorados. Ele disse

devemos encontrar a diferença essencial entre o *radical* e o *radicalismo*, sendo este último somente uma mera caricatura do primeiro. O reto estilo radical, ao mesmo tempo em que aspira aos máximos objetivos, sabe combinar isso com o cumprimento de toda uma série de tarefas imediatas. Por sua vez o radicalismo, que é estéril como método, se inclina somente pelo máximo, renunciando a atividade intermediária, que muitas vezes é inevitável para alcançar o máximo, de modo que se renuncia como regra ao intermediário, e o que ocorre é que tampouco se chega ao máximo (FONSECA, 1981, p. 97-98, grifos do autor) <sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> Tradução livre.

<sup>77</sup> Tradução livre.

O resgate da memória de luta dos setores oprimidos da população nicaraguense era fundamental para se romper com essa subjugação. Fonseca acreditava que a Nicarágua possuía uma tradição de rebeldia, mesmo que em determinados momentos essa rebeldia não pudesse efetivamente conduzir a uma revolução. E esse fato expôs um outro traço marcante da história, a falta de uma profunda consciência revolucionária. Não era suficiente e eficiente para Fonseca que tratassem os trabalhadores, seja a qual segmento pertencessem, como meras peças tal qual um tabuleiro de xadrez em que uma inteligência superior e descolada de sua realidade os moveria para a vitória contra todas as formas de exploração. Fonseca insistia na importância de armar politicamente esses setores. Afinal, o ímpeto rebelde contra os que os exploravam era algo desenvolvido a partir do momento da formação de consciência de suas posições dentro das relações de produção, passando a se entenderem enquanto fração de uma classe oprimida. O que a Frente Sandinista encabeçada por Fonseca defendia era que essa rebeldia fosse moldada e guiada para fins consequentes e coletivos.

E toda essa organização e trabalho eram fundamentais para garantir a possibilidade real de vitória dos explorados sobre os exploradores. Após o assassinato de Sandino na década de 1930, a Nicarágua sofreu um hiato político, sem que nenhuma organização ameaçasse o poder da família Somoza por praticamente vinte anos por fatores internos e externos. Fonseca descreveu

Um fator importante que contribuiu também seriamente a interromper a luta anti-imperialista foi a situação que se originou ao estourar a Segunda Guerra Mundial, a qual concentrou o foco da reação mundial na Europa e Ásia. O imperialismo yanque, inimigo tradicional do povo da Nicarágua, se converteu em um aliado da frente mundial antifascista. A falta de uma direção revolucionária na Nicarágua impediu que esta realidade fosse interpretada corretamente, e Somoza se aproveitou da situação para consolidar o domínio de sua camarilha (FONSECA, 1969, p. 83)<sup>78</sup>.

---

<sup>78</sup> Tradução livre.

A oposição ao governo de Somoza era dominada por membros das classes dominantes ou movimentos mais próximos dos oprimidos que não possuíam qualquer tipo de organização ou análise teórica sobre a realidade. Com influência majoritária dos conservadores, os anti-somozistas da época representavam uma “força política representante dos interesses de *um setor da classe capitalista*” (*Ibidem*, p. 83, grifos nossos) <sup>79</sup>. Ou seja, se apresentava uma verdadeira debilidade de pensamentos revolucionários no movimento intelectual nicaraguense, que em determinado momento, sob o monopólio do catolicismo, se identificou inclusive com o fascismo. O que fez reacender efetivamente uma oposição consequente, revolucionária que se propôs a defender os interesses das classes oprimidas na Nicarágua foi a vitória dos cubanos sobre a ditadura de Fulgêncio Batista em 1959. Os povos em luta estabeleceram uma solidariedade internacional de apoio político e material para que se espalhassem as tendências socialistas. Isso demonstrou novas questões a serem resolvidas. Especialmente nos primeiros anos após 1959, observou-se a carência de convicção política de diversos setores da população. Esses primeiros momentos também foram marcados pela falta de organização revolucionária adequada vinculada as massas pauperizadas, em especial aos camponeses. Os grupos revolucionários careciam de quadros idôneos para resolver suas questões enfrentando dificuldades em combinar o trabalho conspirativo, militar com o trabalho político, teórico com os trabalhadores.

Carlos Fonseca, conforme foi obtendo sua maturidade política e intelectual, pôde observar que de fato as classes trabalhadoras se encontravam incipientes na formação teórica e atuação revolucionária organizada. Por conta disso, dedicou sua vida política a

---

<sup>79</sup> Tradução livre.

fazer com que os povos oprimidos se colocassem em luta contra seus algozes, entendendo que esse movimento seria impulsionado pela consciência de classe, e ao falarmos das classes trabalhadoras, tendencialmente revolucionárias. A partir deste momento, acirrava-se a luta de classes. E diante de todas as afirmações, comprovações e análises documentais expostas neste trabalho, podemos concluir que o papel de quadro e dirigente teórico-intelectual de Carlos Fonseca foi fundamental dentro da organização dos setores populares explorados e do caminho vitorioso que a Frente Sandinista de Libertação Nacional alcançou. Inclusive, o fato de Fonseca ter sido considerado um dos principais inimigos do governo somozista e conseqüentemente caçado de forma feroz, fez com que, durante seus exílios, estabelecesse contato com outros povos de países vizinhos que se disponibilizaram a apoiar a luta dos trabalhadores nicaraguenses, como os costarriquenhos, os guatemaltecos, peruanos e hondurenhos. Além de claro, os cubanos. Essa mobilização de solidariedade internacional, diz Fonseca (1980) demonstrou uma superação dos primeiros anos do século XX, em que os nicaraguenses lutavam isolados.

Na compreensão de Fonseca o movimento revolucionário nicaraguense deveria ter seu próprio programa, organizações e formas de atuação que traçassem um caminho alternativo fora das amarras e influências de setores capitalistas, garantindo autonomia e promovendo capacidade de enfrentar as ciladas que as elites criariam. A criação de um programa revolucionário próprio, sem tutela estatal ou de frações capitalistas, demonstraria ao povo a organização necessária para enfrentar e derrubar o regime somozista, garantindo a confiança da população nos grupos revolucionários. Fonseca defendeu um programa de viés marxista, onde alega que deveria ser deixado claro o anseio do movimento revolucionário de pôr fim a sociedade constituída por opressores e oprimidos, exploradores e explorados, ou seja, a sociedade de classes. Ele dizia

Declaremos que nosso propósito magno é devolver aos operários e camponeses, a todos os trabalhadores, as riquezas que lhes foram arrancadas mediante violência. A independência nacional, a derrota do imperialismo estrangeiro, são requisitos para a edificação de um mundo novo, cheio de felicidade. Na busca por esta nova vida, nos guiam os nobres princípios de Karl Marx. (FONSECA, 1968, p. 67) <sup>80</sup>.

Isso dialoga diretamente com o que ele argumentava sobre Sandino. Ele defendia que o general de homens livres, como Sandino era conhecido, não lutava somente pela independência nacional, mas que falava também sobre a necessidade de uma revolução social, travando uma batalha para alcançar uma sociedade sem classes inimigas. Portanto, traçar um programa revolucionário e marxista era uma garantia de que os movimentos populares não seriam atrelados aos partidos capitalistas. A firmeza nos ideais marxistas não era questão de vaidade para Carlos Fonseca, mas sim uma bússola para guiar os revolucionários em caminhos que de fato resultassem em conquistas dos seus objetivos. Por isso a análise da realidade concreta, uma das bases do materialismo histórico-dialético, era ponto chave para Fonseca. Batalhas sem objetivos apenas desgastariam seus soldados, por isso ele falava sobre a revolução social e não somente insurreições armadas. Ele afirmou

Existe o perigo de que a insurreição armada não signifique necessariamente uma revolução, uma transformação do sistema social que prevalece no país. Por isso, estamos na obrigação de imprimir à insurreição nicaraguense um profundo conteúdo revolucionário, de radical mudança social. Na história contemporânea por libertação nacional, tiveram casos em que as insurreições foram vitoriosas mas não se estabeleceram sistemas revolucionários, não triunfou a revolução proletária. Um caso muito conhecido é o da Indonésia, país que com as armas na mão expulsou os colonizadores holandeses. Contudo, depois de triunfar a insurreição, se conservou em considerável proporção a exploração privada do trabalho humano. O setor capitalista se manteve à espreita até converter o país em uma neocolônia norte-americana. A luta popular nicaraguense, para alcançar a vitoriosa revolução, deve ter em mente a experiência que oferece o movimento contemporâneo de libertação nacional. Esta experiência é especialmente fecunda quanto a

---

<sup>80</sup> Tradução livre.

posição dirigente que no devir da luta deve alcançar a classe proletária  
(*Ibidem*, p. 68)<sup>81</sup>

Portanto, para que fosse alcançado o objetivo real da revolução social, era necessário comprometimento. Em autocrítica à FSLN, Fonseca relatou que uma das principais causas que impediram a vitória total até o final da década de 1960, foi a complacência frente a falta de comprometimento verdadeiro para com as questões revolucionárias. Acreditava que todos que se dedicaram à defesa das causas sociais, oferecendo tudo que tinham, inclusive suas próprias vidas, teriam direito a exigir sacrifícios de quem declarava amar a pátria e que professavam os ideais revolucionários. A complacência frente à indisciplina e outras questões tendia a debilitar e limitar o movimento. Um ponto de destaque da estratégia político-militar de Fonseca é que ele não descolava teoria e prática. Os espaços de disputas de narrativas e discursos políticos deveriam ser aproveitados sempre com a recordação de que a luta não termina no discurso e no panfleto. Sob sua liderança, os sandinistas buscavam aproveitar as vantagens dos espaços onde a luta não se travava armada, porém trabalhando para eliminar a ilusão de que empunhar um fuzil não era imprescindível. As massas populares sem fuzil seriam derrotadas, da mesma forma que a luta armada sem as massas, objetivando um curso dialético entre a luta de massas e a luta armada.

Assim, compreendemos que Carlos Fonseca estava determinado a derrotar o imperialismo estadunidense e seus lacaios nacionais com a unidade das classes trabalhadoras exploradas sob a direção da Frente Sandinista de Libertação Nacional. Defendendo os princípios marxistas até o fim da vida, suas contribuições teóricas e práticas permitiram a organização sólida das fileiras sandinistas que possibilitaram a

---

<sup>81</sup> Tradução livre.

derrocada do governo somozista e a consolidação do processo revolucionário, pois, fugindo das fraseologias e grande amante da prática militante, Fonseca afirmava que “(...) a nós não corresponde descobrir as leis universais que conduzem a transformação da sociedade capitalista em uma sociedade de homens livres; nosso modesto papel é de *aplicar* essas leis já descobertas à situação de nosso país” (FONSECA, 1981, p. 98-99, grifos do autor) <sup>82</sup>. Portanto, foi através de seu trabalho organizativo que se estabeleceu uma maturidade política, mesmo que não totalmente plena, das classes trabalhadoras que encabeçaram junto com a Direção Nacional sandinista caminhos consequentes e efetivos para romper a lógica estrutural de dominação, exploração e precarização que se perpetuava pelas ações das classes capitalistas, revivendo o exemplo de Sandino pela defesa da soberania nacional.

---

<sup>82</sup> Tradução livre.

## 6. Anexos

### 6.1 Anexo 1



### 6.2 Anexo 2



### 6.3 Anexo 3



## 7. Referências Bibliográficas

ALVES, Ana Rodrigues. *O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe*. São Paulo: Lua Nova, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ln/a/mQtGPDfjR85HxSSLtmgCzbM/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em 01 ago 2021.

ARCE, Bayardo. *A Revolução Nicaraguense Frente às Ameaças do Imperialismo*. Tradução Francisco Almeida. São Paulo: Editora Novos Rumos, 1986.

BORGE, Tomas. *Carlos, el amanecer ya no es una tentación*. Managua: Nova Nicarágua, 1982.

CABEZAS, Omar. *A montanha é algo mais que uma imensa estepe verde*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

CAVALCANTE, Margarete Pereira. *O Partido Político e a construção da vontade coletiva em Gramsci*. In: *Práxis, Formação Humana e a Luta por uma Nova Hegemonia*. Anais do I JOINGG – Jornada Internacional de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci. ISSN 2526-6950. Universidade Federal do Ceará. Maio de 2017. Disponível em: <http://www.ggramsci.faced.ufc.br/wp-content/uploads/2017/06/O-PARTIDO-POL%C3%8DTICO-E-A-CONSTRU%C3%87%C3%83O-DA-VONTADE-COLETIVA-EM-GRAMSCI.pdf> Acesso em 05 jul 2021.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1965.

FONSECA, Carlos. Nicaragua Hora Cero (1969). In: *Obras*. Tomo I. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

\_\_\_\_\_,\_\_\_\_\_. Síntesis de algunos problemas actuales (1975) In: *Obras*. Tomo I. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

\_\_\_\_\_,\_\_\_\_\_. La lucha por la transformación de Nicaragua (1960). In: *Obras*. Tomo I. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

\_\_\_\_\_,\_\_\_\_\_. Por un primero de mayo guerrillero y victorioso (1969). In: *Obras*. Tomo I. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

\_\_\_\_\_,\_\_\_\_\_. Breve análisis de la lucha popular contra la dictadura de Somoza (1961). In: *Obras*. Tomo I. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

\_\_\_\_\_,\_\_\_\_\_. Notas sobre la montaña y algunos otros temas (1976). In: *Obras*. Tomo I. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

\_\_\_\_\_,\_\_\_\_\_. Bajo las banderas de Sandino (1968). In: *Obras*. Tomo I. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

\_\_\_\_\_,\_\_\_\_\_. Mensaje al Pueblo de Nicaragua (1970). In: *Obras*. Tomo I. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

\_\_\_\_\_,\_\_\_\_\_. Mensaje del Frente Sandinista de Liberación Nacional, FSLN, a los estudiantes revolucionarios (1968). In: *Obras*. Tomo I. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

FONTES, Virgínia. *O Brasil e o Capital-Imperialismo: Teoria e História*. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2010.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere, vol. 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Editado por Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a.

GUEVARA, Ernesto. *Guerra de guerrillas: um método*. Disponível em: <http://webs.ucm.es/info/bas/utopia/html/che20.htm> Acesso em 10 ago 2021.

HELLMUND, Paula Fernández. La fractura del movimiento revolucionário: tendencias dentro del Frente Sandinista de Liberación Nacional (1972-1979). *Cuadernos de Marte*. nº 4, jul. 2013, p. 151-185.

LENIN, V.I. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. Obras Escolhidas, tomo 2. Lisboa-Moscovo: Editorial Avante, 1984. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm> Acesso em: 15 jul 2021.

\_\_\_\_\_, . *O trabalho do Partido entre as massas*. Tradução Fragmon Borges. Rio de Janeiro: Editora Polar, 1961.

LINDER, Marcel V. D. Trabalhadores do mundo: *Ensaio para uma História Global do Trabalho*. 1ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MACIEL, Fred. Insurreição e quadro político: Frente sandinista e a opção pela via armada na Nicarágua. *Oficina do historiador*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v.6, n.1, jan/jun. 2013, p. 44-64.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. “Alterar la historia haciéndola, no solo contándola”: *intelectualidade e cultura política sandinista em Sergio Ramírez*. 2018. 246 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri, 4ª reimpr. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *O capital: Crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_, \_\_\_. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Tradução Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Moartorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATTOS, Marcelo Badaró. *A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MENDONÇA, Sônia Regina. O Estado ampliado como ferramenta metodológica. *Revista Marx e o Marxismo*, v. 2, n. 2, jan/jul 2014, p. 27-43.

MONROY-GARCÍA, Juan José. *Tendencias ideológico-políticas del Frente Sandinista del Liberación Nacional (FSLN) 1975-1990*. México: Universidad Autónoma del Estado de México, 2015.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*. Tradução de Denise Bottmann, 9ª ed. Rio de Janeiro | São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRADO, Manlio. *La revolución sandinista*. México: Nuestro Tiempo, 1983.

ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. São Paulo: Unesp, 2006.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. *Carlos Fonseca e a Revolução Nicaraguense*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

## Sites

CENTRO de Documentación de los Movimientos Armados. *Frente Sandinista de Libertação Nacional*. Artículos. Disponível em: [http://www.cedema.org/index.php?ver=verlista&grupo=41&nombrepais=Nicaragua&nombregroupo=Frente%20Sandinista%20de%20Liberaci%F3n%20Nacional%20\(FSLN\)](http://www.cedema.org/index.php?ver=verlista&grupo=41&nombrepais=Nicaragua&nombregroupo=Frente%20Sandinista%20de%20Liberaci%F3n%20Nacional%20(FSLN))  
Acesso em 11 ago 2021.

DOCUMENTO. Principios y políticas del Gobierno de Nicaragua. *Cuadernos Políticos*, número 32, México, D.F., editorial Era, abril-junho de 1982, p. 70-81. Disponível em:

[http://www.cuadernospoliticos.unam.mx/cuadernos/contenido/CP.32/CP32.8.Principios\\_Politiclas.pdf](http://www.cuadernospoliticos.unam.mx/cuadernos/contenido/CP.32/CP32.8.Principios_Politiclas.pdf) Acesso em 02 ago 2021.

HABLA Carlos Fonseca. *Frente Sandinista de Libertação Nacional*. Disponível em: <http://www.sandinovive.org/carlos/pensamientos82a.htm#IV> Acesso em 28 jun 2021.

MEMORIAS de la Lucha Sandinista. Por Mónica Baltodano. Disponível em: [https://memoriasdelaluchasandinista.org/view\\_text.php?author=2](https://memoriasdelaluchasandinista.org/view_text.php?author=2) Acesso em 28 maio 2021.

NICARÁGUA: La lucha popular contra la dictadura. *Cuadernos Políticos*, número 20, México, D.F., editorial Era, abril-junio de 1979, pp. 105-115. Disponível em: <http://www.cuadernospoliticos.unam.mx/cuadernos/contenido/CP.20/CP20.9.Nicaragua.pdf> Acesso em 02 ago 2021.

PROGRAMA Histórico del FSLN, 1969. Instituto de Iberoamérica. Disponível em <http://americo.usal.es/oir/opal/Documentos/Nicaragua/FSLN/PROGRAMA%20HISTORICO%20DEL%20FSLN.pdf> Acesso em: 27 jul 2021.

SANDINO, Augusto Cesar. *Manifestos*. Disponível em: <https://www.latinamericanstudies.org/sandino/> Acesso em 01 jul 2021.

### Fontes Orais

Entrevista concedida por TÉLLEZ, Dora María. [04. 2021]. Entrevistadora: Bianca da Costa Bastos. Rio de Janeiro, 2021. arquivo mp4 (01:05:41). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1b2dAX3fokc-Gs7fnB5hS-8WwUzq2RUtv/view?usp=sharing> Acesso em 01 jul 2021.